



RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Relatório de estágio profissional apresentado, com vista à obtenção do curso de 2º ciclo em ensino da Educação Física no ensino básico e secundário da FADEUP, ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro

Orientadora: Professora Doutora Paula Queirós

Paulo Tiago da Silva Monteiro

Porto, Setembro de 2011

Monteiro, P. T. (2011). Relatório Final de Estágio Profissional. Porto: Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em ensino de Educação Física no ensino Básico e Secundário apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, INDISCIPLINA, REFLEXÃO.

AGRADECIMENTOS

Este relatório representa uma exposição escrita em que se descrevem todos os factos da vida de um estagiário de Educação Física numa escola do Ensino Básico. É, por conseguinte, o término de um objetivo académico e o início de uma vida profissional. Assim, este trabalho foi realizado com a ajuda de algumas pessoas às quais presto aqui o meu tributo.

À Professora Doutora Paula Queirós, minha orientadora, pela forma sempre disponível como me orientou.

Ao Professor Cooperante Rui Pacheco pela orientação, durante este ano letivo, pelos seus sábios conselhos e orientação na escola.

Aos colegas de estágio Ricardo Araújo e Ricardo Pinto.

Aos “meus” alunos, pelas experiências vividas que sem eles este relatório não existia.

A todos os meus professores que, transmitiram um conjunto de princípios, crenças e conhecimentos, normas e comportamentos.

Aos meus pais por me terem apoiado em mais um projeto académico.

Ao meu irmão Gustavo pelo seu incentivo e pelo seu acreditar de que eu seria capaz.

À Fernanda pelo seu incentivo permanente e à sua crítica na construção do relatório final.

Ao amigo José Manuel, pela sua disponibilidade e altruísmo sempre presente. Pelos seus ensinamentos no passado e no presente sendo para mim uma referência na arte da dança.

À Alexandra, namorada, amiga e conselheira. Por ser a pessoa que neste momento mais apoio me prestou. Pela sua crítica e sobretudo pelo seu acreditar de que eu seria capaz de terminar este projeto. Sem a sua ajuda era manifestamente impossível.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE GERAL	V
RESUMO	VIII
ABSTRACT	XII
ABREVIATURAS	X
INTRODUÇÃO	1
1.1. Caracterização Geral do Estágio Profissional	3
1.2. Finalidade e Processo de Realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio	5
2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO	7
2.1. Reflexão Autobiográfica – Identificação e Percorso	8
2.2 Expectativas Pessoais em Relação ao Estágio Profissional e Objetivos	11
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	14
3.1. Contextualização do Estágio Profissional	15
3.1.1. A Escola e o Meio Envolverte	15
3.1.2. A Turma e a sua Caracterização	19
3.2. Análise ao Programa de Educação Física	23
3.2.1. Objetivos da Disciplina de Educação Física	23

3.2.2. O Currículo	25
3.3. A Formação do “Ser Professor”	27
3.3.1. Ser Professor	32
3.3.2. A Responsabilidade do Professor	36
3.3.3. O Papel da Reflexão	39
3.3.4. Portefólio como Instrumento de Planeamento	41
4. Realização da Prática Profissional	43
4.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	44
4.1.1. Conceção	45
4.1.2. Planeamento	45
4.1.3. Realização	50
4.1.4. Avaliação	54
4.2. Outras Dificuldades Sentidas Durante o Estágio Profissional	56
4.2.1. Relações com os Alunos	56
4.2.2. Relação Professor Aluno e Aluno Professor	58
4.2.3. Aplicação do Modelo de Educação Desportiva	65
4.3. Educação Física, Atitudes e Valores	69
4.3.1. A Indisciplina na aula de Educação Física	69
4.3.2. Prevenção e Controlo Disciplinar	71
4.3.3. A Dança como Mediação de Valores	72
4.3.4. O Parkour	74

4.4. A Inclusão dos Alunos Portadores de Necessidade Educativas Especiais	75
4.4.1. Alunos com Necessidades Educativas Especiais	75
4.4.2. Área da Educação Especial	78
4.4.3. Inclusão na Aula de Alunos com Necessidades Educativas Especiais	79
4.5 Escola e a Comunidade	82
4.5.1 . Corta-Mato, Mega-Sprint e o Inter-Turmas	82
4.5.2. Jogo entre Alunos e Professores	85
4.5.3. Reuniões de Departamento e de Agrupamento	85
4.5.4. Relação com a Comunidade e Encarregados de Educação	86
5. Conclusão	88
6. Bibliografia	91

RESUMO

Este documento reflete todas as experiências vividas enquanto professor estagiário, na escola E.B 2/3 de Leça do Balio, com a turma 7º A. São aqui evidenciadas as funções desempenhadas, dificuldades sentidas e as conquistas atingidas durante o ano.

No decorrer do ano letivo deparámo-nos com vida. Vida da escola, dos alunos, da sociedade. Vida essa com a qual o professor tem de se identificar, moldar e gerir para conseguir cumprir os objetivos a que se propôs.

A aprendizagem contínua e mutua entre professores e alunos e professores e colegas é um fator preponderante e principal para o sucesso do ano escolar. Preparar as aulas com detalhe e minuciosidade, adequando-as à turma e ao aluno individual, permite um melhor acompanhamento e desenvolvimento da sua personalidade enquanto aluno, pessoa e profissional futuro.

Ao longo deste ano, foram sentidas diversas dificuldades devido aos alunos intervenientes no estágio (a situação familiar, cultural, social, económica influenciam determinantemente a forma como os alunos se relacionam com o meio escolar – colegas, professores, escola), que se revelaram graves para o ensino e para um correto aprender de parte a parte. Estas dificuldades repercutiram-se na maneira da transmissão dos conhecimentos, por parte do professor, apesar de ter sido uma experiência enriquecedora.

As principais motivações do estágio, como professor, são a certeza de que o perfil e imagem do professor vão fazer diferença na vida de, pelo menos, alguns dos alunos. A certeza de que há reconhecimento do esforço do professor. E é com este sentimento que todo o professor continua todos os dias a formar, educar e a aprender.

PALAVRAS-CHAVE: ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, INDISCIPLINA, REFLEXÃO.

ABSTRACT

This document reflects all experiences as a student teacher, in school E.B 2/3 of Leça Balio with the 7th A class. Here are highlighted the tasks, difficulties and achievements accomplished during the year

During the school year we faced life. Life of the school, students, society. This life with which the teacher has to identify, shape and manage to successfully fulfill the objectives it set itself.

Continuous learning and mutual, between teachers and students and teachers and peers is a key factor for success and principal of the school year. Prepare lessons with detail and thoroughness adapting to the class and individual student, allows for better monitoring and development of his personality as a student, person and professional future.

Throughout this year, several difficulties were experienced due to the students involved on stage (the family situation, cultural, social, economic influence how students relate to the school - classmates, teachers, school), which revealed serious for a correct teaching and learning, on both sides. These difficulties are echoed in the way the teacher transmits its knowledge, despite having been an enriching experience.

The main motivations of the stage, as a teacher, are sure that the profile and image of the teacher will make a difference in the lives of, at least, some of the students. The certainty that there is recognition of the efforts of the teacher. It is with this feeling that every teacher continues every day to train, educate, learn.

KEYWORDS: STUDENTS WITH SPECIAL NEEDS, PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL TRAINING, INDISCIPLINE, REFLEXION.

ABREVIATURAS

E.F	Educação Física
E.P	Estágio Profissional
E-A	Ensino-Aprendizagem
F.D	Função Didática
FADEUP	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
MED	Modelo de Educação Desportiva
NEEs	Necessidade Educativas Especiais
R.E	Relatório de Estágio
U.T	Unidade Temática

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Este relatório está inserido no âmbito da disciplina de Estágio Profissional (E.P) do Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Este estágio resulta de um trabalho árduo, ao longo do qual somos responsáveis pelo processo de Ensino-Aprendizagem (E-A) de uma turma do ensino básico ou secundário.

Assim sendo, a particularidade desta experiência confere, muitas das vezes, experiências de vida excecionais e sem precedentes nas nossas vidas. Este conhecimento adquirido, pela prática na escola e em contacto com a vida real, revelou-se muito gratificante a todos os sentidos (humano, social, profissional e afetivo).

Com este relatório pretendo refletir criticamente sobre o meu desempenho e sobre as minhas decisões ao longo do ano letivo, visto ter sido rico em experiências marcantes para a minha vida futura enquanto ator desta sociedade e um possível membro de uma escola.

De referir que o ano de estágio, além de ser o culminar de uma formação, é, por sua vez, o início de uma atividade profissional qualificada.

Este trabalho tem uma importância ímpar porque assinala o término de um percurso árduo e trabalhoso, enquanto estudante, e iniciará outro enquanto professor de Educação Física (E.F) igualmente árduo e trabalhoso.

O relatório de estágio (R.E) é a oportunidade de expor o que foi realizado durante a prática de um ano letivo, sendo um exercício de profunda reflexão das experiências vividas a todos os níveis.

Para se ter chegado até esta fase o caminho foi bastante árduo sabendo de antemão da necessidade de ultrapassar obstáculos sempre consciente de que a meta seria precisamente esta fase, a fase do E.P em escola.

1.1. Caracterização Geral do Estágio Profissional

“É nesta disposição de alma que o estagiário entra na sua primeira aula. E a lição por que inicia o seu curso de professor de [Educação Física], é o primeiro passo do fraterno convívio que vai estabelecer com os seus alunos:

“não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.”

(Diário de Sebastião da Gama, em Obras de Sebastião da Gama, 2004, p. 12)

Considera-se Estágio, tudo aquilo que visa a inserção de estudantes, desempregados, ou profissionais, que pretendam complementar uma qualificação pré existente através de uma formação prática em contexto laboral.

Mais concretamente, este estágio profissional, inserido no contexto escolar, de forma a permitir a formação de professores de E.F, pretende inserir no mercado de trabalho, profissionais responsáveis e orientados para a educação.

Através deste E.P, aprendem-se e absorvem-se todo o tipo de conhecimentos: da comunidade escolar (alunos, colegas, funcionários da escola), comunidade/sociedade (alunos e correspondente família, meio social onde estes se inserem), experiências diferentes com alunos heterogêneos (as turmas revelam-se constituídas por alunos dos mais diversos meios, níveis económicos, religiosos, sociais,...). Promovem-se vários tipos de aprendizagem, empírica e sensorial, de forma a desenvolver todas as capacidades necessárias à destreza profissional. Desenvolvem-se conhecimentos e competências, alargam-se horizontes, para a prática da profissão.

O trabalho desenvolvido com os colegas e com os alunos, esta pré-formação no contexto escolar, nesta primeira fase da carreira profissional do

estudante estagiário, tem um peso substancial e fundamental para o seu futuro desempenho, organização e orientação, num contexto laboral (in)dependente.

A transformação da teoria na prática, e as experiências de vida tornadas conhecimento/teoria, levam o professor a desenvolver todos os seus domínios e competências necessárias ao bom desempenho do estágio e da sua profissão futura.

Para além do desenvolvimento de todos estes saberes, e acompanhamento destes alunos, durante o ano de estágio, o estudante estagiário tem de se organizar e organizar o seu tempo com dossiers, todo o tipo de registos, que consiga obter durante as suas aulas e suportar-se de material suficiente e relevante para elaborar o seu relatório de final de ano – R.E.

Assim, no que diz respeito à turma atribuída, temos de considerar que seria difícil uma turma melhor, nesta experiência enquanto professor. Isto porque, sendo uma turma pequena com apenas 19 alunos, eram alunos que apresentaram défices de aprendizagem dispare, alunos com alguns e graves problemas sociais.

Desta forma, a experiência enquanto professor ficou mais rica e intensa, só pela heterogeneidade da população estudantil.

A necessidade de adaptação ao meio envolvente levou a que encarnasse um papel de “camaleão”, tal era a necessidade que sentia em integrar o meio e procurar resolver tantos e tão graves problemas existentes nos alunos e na escola em particular.

Vive-se uma contínua adaptação inserida na sobrevivência pessoal, essa foi talvez a minha grande e primeira lição dos meus primeiros dias enquanto professor na escola.

Perceber o meio ambiente e envolvente da escola, adaptar-me a esta, e transformar o que sou para aquilo que era esperado de mim foi dos maiores desafios até aqui levados pela minha pessoa.

Assim, a formação de professores deve precaver os meios ambientes das escolas, para que o aluno estagiário não sinta um grande impacto, quando se depara com realidades difíceis e por vezes cruéis.

1.2. Finalidade e Processo de realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio

O Estágio Profissional realizado na escola E.B 2/3 de Leça do Balio, inserido no 2º Ciclo do Ensino Superior, do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, enquadra-se de acordo com as determinadas exigências legais e institucionais.

Assim, de acordo com o regulamento do E.P, este contempla quatro áreas de desempenho:

- 1- Organização e Gestão do E-A: engloba a conceção, o planeamento, a realização e avaliação do ensino.
- 2- Participação na escola: engloba todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário. Tendo em vista a sua integração na comunidade escolar
- 3- Relações com a comunidade: engloba atividades que contribuam para um conhecimento do meio regional e local, tendo em vista um melhor conhecimento das condições locais na relação educativa e a exploração da ligação escola-meio
- 4- Desenvolvimento Profissional: engloba atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação.

De acordo com estes itens, o estudante estagiário tem de interiorizar todos os passos, desde o início ao final do E.P, incutindo-os na sua forma de ser e lecionar, de forma a que a sua comunidade estudantil e ele próprio consigam todos os objetivos propostos no ano letivo.

Desde o planeamento à organização e escolha da metodologia, o estudante estagiário estará acompanhado pelo professor cooperante e pelo orientador de estágio que o irá guiar e corrigir, em todo o seu percurso.

Esta é a finalidade última do E.P, a preparação e integração do estudante estagiário em grupos heterogêneos, de forma a cumprir todos os objetivos propostos, formando e ensinando indivíduos capazes.

O E.P foi realizado na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio, enquadrado numa turma de 7º ano. Assim, o R.E tem por base todo o ano letivo, incluindo todas as atividades e objetivos propostos do plano curricular e todas as outras atividades não letivas incorporadas no universo escolar.

Tal como afirma Matos (2010, p.15-22), “O desenvolvimento da capacidade de ação, da capacidade de comunicação e da emancipação do futuro professor necessitam de formação teórica e prática durante o processo de formação inicial e contínua, através dos meios de ensino e das diferentes experiências formativas. A organização da formação ainda na fase da formação inicial implica que esta inclua experiências de formação que decorrem nas condições do exercício profissional ou seja, na Escola.”

O R.E pretende mostrar todos os aspetos positivos e negativos; sucessos e insucessos, perante a turma, o enquadramento na escola, a adoção do plano curricular e a implementação do mesmo; objetivos com o E.P, problemas e frustrações eventuais, atividades realizadas, conhecimentos obtidos e incorporados na forma de lecionar; e todo o caminho percorrido pelo estudante estagiário durante o ano letivo.

Compreende-se, assim, a importância do relatório e das reflexões daí derivadas no processo de crescimento enquanto professor estagiário. Na verdade a construção do relatório é também a reflexão das reflexões considerando todo o processo de E-A, do crescimento enquanto professor e será mais um instrumento de uma autoavaliação crítica.

O relatório tem por isso um cunho individual cumprindo os objetivos propostos e definidos previamente.

2. Enquadramento Biográfico

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

2.1 Reflexão Autobiográfica – Identificação e Percurso

“O Poeta beija tudo, graças a Deus...”

E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: É preciso saber olhar... E pode ser, em qualquer ideia, ingênuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo com os homens feitos... (...) e acha tudo importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira: “O segredo é amar...”

(em “Diário de Sebastião da Gama”, Obras de Sebastião da Gama, 2004, p. 9 e 10).

Todo o percurso aqui descrito, desde o Futebol de rua ao E.P é um percurso de dedicação e empenho à minha pessoa e às pessoas a quem quero bem.

Desde muito cedo dediquei os meus tempos livres à prática de desporto, nomeadamente o futebol e a ginástica, a minha grande paixão. Na escola, na rua, com os amigos e familiares.

No colégio da Senhora Hora acabei mesmo por participar num torneio de futebol organizado pelo Futebol Clube do Porto, onde fui considerado um dos melhores jogadores do torneio.

Pratiquei Futebol Federado em Pedras Rubras, durante 4 anos (2 anos nos juvenis e 2 anos nos juniores).

Após o secundário, e tendo sempre em vista a ligação ao desporto enveredei pelo curso de Gestão do Desporto, no Instituto Superior da Maia, durante 4 anos, licenciando-me em 2003.

Este grande e primeiro passo deram-me a possibilidade de trabalhar com várias associações e federações ligadas ao desporto, nomeadamente:

- Federação Portuguesa de Canoagem, Associação de Canoagem do Porto, na organização das provas de Canoagem (contacto entre os clubes e

atletas, conhecimento das várias provas disponíveis) e na arbitragem das respetivas provas.

- Associação de Ténis do Porto na realização de um estágio de meio ano, incorporado no âmbito escolar, para a candidatura a um programa de financiamento para jovens no início da aprendizagem da modalidade (PAFID).

Assim sendo, foram estas experiências que me introduziram num novo mundo até aqui desconhecido, onde aprendi a trabalhar, onde conheci novas pessoas e onde principalmente fui errando e aprendendo com os erros, crescendo.

Galvão (2000) refere, que a construção de conhecimentos decorre “... a partir das descobertas pessoais de natureza humana e social (emotivas, afetivas, intelectuais) ... assim como de natureza técnica (saber-fazer com os objetivos e procedimentos sociais) ou de natureza relacional (estilos de vida e de convivência)”.

Participei num estágio financiado diretamente ligado ao desporto, mais concretamente ao fitness, tendo sido o meu primeiro contacto com esta nova realidade.

Tendo-me enquadrado e identificado perfeitamente com esta modalidade, acabei por frequentar vários workshops e convenções de fitness, tornando-me professor em vários ginásios, fazendo carreira profissional e amando a profissão à qual dedico o meu tempo e respeito.

Tendo um contacto direto com alunos adultos e tendo como referência ótimos professores de E.F, surgiu a aspiração à tentativa de me tornar também um professor de E.F, modelo para outros adultos ou crianças e adolescentes. Assim, inscrevi-me novamente na faculdade, no curso Ciências do Desporto, licenciando-me em 2009.

Na formação académica percebemos a necessidade de adquirir conhecimentos e conceções anteriormente assimiladas enquanto praticante. Daí a afirmação que para se ser professor tem de se ser aluno. E enquanto aluno obtêm-se crenças e convicções que mais tarde vão ter influência no percurso para professor.

Matos (1993) refere, e reconhece que a premissa de base subjacente às investigações inovadoras, é de que estas convicções (beliefs) influenciam a forma como o professor organiza o ensino, portanto, um melhor conhecimento desta permitirá uma mais adequada preparação da formação de professores. Com uma formação especializada/académica vamos adquirindo conhecimentos e é necessário saber diferenciar o que é crença e o que é conhecimento.

Como se verifica no trabalho realizado por Fernandes (citado por Sanmamed, 2003), as crenças desenvolvidas nos anos iniciais, constituem-se num primeiro nível de aprendizagem e conhecimento, e, embora habitualmente ignoradas, têm um papel determinante na configuração das representações do professor acerca do ensino e da profissão.

Assim e entendendo que não bastava a licenciatura, enveredei também para a parte do mestrado, pelo novo Processo de Bolonha, no 2º Ciclo em Ensino de E.F nos Ensinos Básico e Secundário, para o qual preparo este R.E.

O desejo de ser um futuro professor de E.F, há muito que existia mas era um sonho que precisava de ser concretizado na altura certa com o amadurecimento correto, daí sentir que só nesta fase da minha vida tenha sentido esse impulso.

Espero e desejo alimentar e fomentar nos alunos a necessidade e o gosto pela disciplina como a grande maioria dos meus professores o fez, com a paixão que caracteriza as pessoas que gostam do que realmente fazem, apanágio de uma grande parte dos professores de E.F que conheço.

O meu objetivo passa por alimentar os alunos com o prazer que oferece a prática de atividade física e em particular a E.F.

Ambiciono que as influências positivas que alguns dos professores me transmitiram, me levem a fazer um papel igual e tão bom quanto eles fizeram por mim.

2.2 Expectativas Pessoais em Relação ao Estágio Profissional e Objetivos

Este E.P, enquadrado no 2º ano de mestrado em Ensino de E.F nos Ensinos Básico e Secundário, representa, para mim, não o final de uma etapa, mas o início de um percurso complexo e longo. Cheio de novas descobertas, enquadrado em ambientes estudantis que acabam por se tornar familiares.

Apesar de estar já numa área de ensino, mas num ambiente bem mais informal, onde não há avaliações, e as lições não têm sumários, apesar de pretenderem ser também de uma aprendizagem contínua, pretendo que este Estágio ensine, eduque e consciencialize, para todas as dificuldades no comando de uma turma com adolescentes das mais várias idades, feitios e personalidades.

De acordo com o regulamento, o E.P, “visa a integração profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão” (artº 2 Regulamento de Estágio).

Depois de uma leitura atenta às normas e regulamento do E.P, deparei-me com uma aprendizagem que tem de ser diária e constante e enquadrada e adaptada ao meio escolar. Dependendo da turma atribuída, temos de adaptar os nossos conhecimentos prévios à realidade confrontada. Alunos diferentes, com necessidades distintas, onde tem de haver um respeito mútuo e onde o professor tem de passar a mensagem do plano curricular e os alunos têm de identificá-lo como fazendo parte integrante da sua própria aprendizagem.

- A Organização e Gestão da aprendizagem, onde planeamos, planificamos e concebemos os métodos de ensino e da avaliação do mesmo, de acordo com os alunos da turma (o seu enquadramento na escola e no seio familiar);

- a elaboração e intervenção em novos programas educativos, de forma a promover o sucesso escolar e a disciplina de E.F, levando o estudante estagiário a participar ativamente na escola;
- a criação de sinergias entre a escola e a comunidade, concebendo iniciativas para a participação ativa dos encarregados de educação;
- a capacidade de inovação e criação e novas reflexões relativamente à disciplina e ao desenvolvimento da profissão, partilhando todo o tipo de informações com colegas e a própria escola.

São todos os objetivos do E.P que se pretendem atingir, no final do período letivo.

Apesar de serem estes os objetivos propostos e que devem ser incutidos no espírito do estagiário há que ter perfeita noção que esta aprendizagem é realizada todos os dias, todos os anos e sempre que nos deparamos com realidades escolares diferentes (alunos, colegas, escolas, localidades, normas, regulamentos, planos curriculares).

É importante absorver toda a informação possível durante este ano letivo.

A consciência de poder ser um professor modelo, capaz de mudar mentalidades, trazer novidades e criatividade aos alunos, novas informações e ajudar colegas, e ser um elemento distinto no meio escolar, tem como base e objetivo primordial este ano curricular de estágio orientado por um também professor modelo.

Foi meu objetivo para este ano letivo, realizar um trabalho com elevada qualidade, influenciando os alunos positivamente, mostrando-lhes vários caminhos que poderiam percorrer dentro do mesmo universo que é o desporto.

Assim, inovar, quebrar tradições e fugir a aulas “standards”, era a minha estratégia para uma valorização da disciplina, sem que com isto decline as responsabilidades inerentes ao cargo.

Foi-me pedido compromisso com a instituição e assim prometi vestir a camisola trabalhando arduamente, tornando-me mais um elemento fornecedor de meios na construção do saber e do conhecimento. O papel passava por o

de um guia, orientador, mediador, elucidador e aconselhador de crianças e jovens em fase de crescimento e desenvolvimento.

O vestir da camisola passou claramente por dar mais à escola do que aquilo que ela realmente pediu, senti que era a minha dívida para com a sociedade e um ato de altruísmo da minha parte. De facto talvez a experiência de vida que a escola me ofereceu seja mais cara do que aquilo que eu realmente fiz pela escola, afinal de contas para se obter o diploma eu teria sempre que passar por esta fase.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

A prática profissional, enquadra-se na importante tarefa de refletir sobre os temas abordados durante o ano letivo. Assim, pretende-se perceber melhor as variáveis que foram necessárias ter em conta para que a realização da prática se desenrolasse conforme as mesmas variáveis tidas em conta anteriormente.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO PROFISSIONAL

3.1.1. A Escola e o Meio Envolvente

O agrupamento de Escolas de Leça do Balio pertence ao concelho de Matosinhos e ao distrito do Porto. Foi constituído no ano de 2002/2003 e abrange cinco unidades educativas, geograficamente próximas. A E.B 2/3 de Leça do Balio sede de agrupamentos, E.B 1 de Gondivai, E.B 1 do Araújo, E.B 1 da Agra, e E.B 1 de Monte Mina, integrada no agrupamento no ano de 2006/2007.

A escola E.B 2/3 de Leça do Balio, escola onde o estágio profissional foi realizado, recebe alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade, contando atualmente com um total aproximado de 600 alunos.

A escola funciona em regime diurno duplo, manhã, que se inicia às 8h30 e termina às 13h30 e de tarde, que inicia às 14h10 e termina às 16h10. A escola optou por este horário permitindo aos alunos chegar e sair da escola ainda de dia, permitindo também a conjugação com outras atividades desportivas ou culturais que interessem aos seus alunos.

A escola situa-se numa das 10 freguesias do concelho de Matosinhos, mais propriamente na freguesia de Leça do Balio, Vila do Araújo e o meio envolvente caracteriza-se pela predominância de habitações sociais, tais como o Bairro do Seixo, Bairro de Salazar, Bairro de São Mamede e ainda de casas de lavoura.

Este agrupamento integra educandos provenientes de um meio debilitado e carenciado a vários níveis: cultural, social e económico.

“Um dos primeiros indicadores de avaliação de que a escola se serve é a origem familiar da criança, o meio social e geográfico, a etnia/raça, o aspeto físico, o ter tido ou não pré-escola. Isto faz com que, para muitas crianças, tais indicadores se transformem em dificuldades, pois terão rapidamente de obter bons desempenhos para provarem que são capazes e, desta forma, desmentirem as expectativas da escola.” (Lopes, J., & Silva, H. 2010)

O questionário realizado à turma (realizado por dezassete dos dezanove alunos), permitiu perceber e conhecer melhor a turma em questão. Desta forma, constata-se que onze dos alunos, têm ou tinham irmãos que frequentavam a escola. Nas reuniões com o professor cooperante, e na reunião de início de ano letivo, com a diretora de turma, era referido com frequência, que este ou aquele aluno, era irmão de um outro que tinha passado na escola ou ainda frequentava. Criavam-se juízos de valor e preconceitos devido ao pré conhecimento existente do agregado familiar daquele ou outro aluno. No entanto, tanto o inquérito, como as conversas entre colegas de profissão permitiram ter um conhecimento prévio dos alunos que a turma iria ter e com os quais iria trabalhar.

Efetivamente, esta escola integra educandos provenientes de um meio muito debilitado a vários níveis, sendo visível a pobreza endémica, o desemprego ou o emprego precário, a baixa escolaridade ou mesmo a ausência dela, uma certa incompetência parental, com todas as implicações que tal realidade tem na formação integral das crianças e jovens e, conseqüentemente, na motivação para a frequência da escola, na aceitação do saber normativo e, ainda, no sucesso escolar.

Segundo o site do agrupamento de escolas de Leça do Balio, “os resultados académicos na escola têm vindo a melhorar, globalmente, em todos os ciclos de estudos, nos últimos 4 anos. No entanto, o insucesso é ainda relevante, em especial no 3º ciclo. De um modo geral, em 2007/08, as taxas de transição/conclusão são superiores à média nacional no 1º e no 2º ciclo e inferiores no 3º. Nas provas de aferição do 4º e 6º ano, bem como nos exames nacionais do 9º ano, as classificações também são inferiores aos referentes nacionais. Estes resultados, bem como os problemas de motivação,

comportamento e disciplina, constituem preocupações do agrupamento, traduzidas nos documentos de orientação educativa e operacionalizadas nas medidas implementadas nas disciplinas com maior insucesso, em algumas práticas de estímulo à participação dos alunos, na diversidade da oferta educativa e formativa, na adesão a projetos e na celebração de parcerias com a comunidade local”.

Assim se confirma, infelizmente, que não há início de ano escolar que não traga notícias desanimadoras e estatísticas depressivas.

Segundo o jornal o Público de 14/07/2011, “numa escala de 0 a 100, a média do exame de Matemática da 1ª chamada, realizado por 90010 alunos, ficou-se pelos 43. No ano passado foi 50. E a percentagem de negativas subiu para 58 por cento. Quanto a Língua Portuguesa, a média do exame da 1ª chamada, realizado por 89071 alunos, foi de 51. Nos dois anos anteriores tinha sido 56. A percentagem de negativas subiu para 43,6 por cento por comparação aos 29,7 de 2010. Nesta disciplina foi o segundo pior resultado em sete anos de exames nacionais”.

Ainda segundo o site do agrupamento de escolas de Leça do Balio refere que a “divulgação dos sucessos individuais dos alunos é ténue, destacando-se algumas iniciativas nas áreas das expressões artísticas e da língua portuguesa”.

A indisciplina, apesar de ter vindo a diminuir, é ainda um desafio a vencer pelo agrupamento, pois é percecionada como perturbadora das aprendizagens na sala de aula e referenciada como um aspeto a carecer de melhoria, por elementos da comunidade escolar. A promoção da participação e desenvolvimento cívico dos alunos tem sido uma preocupação do agrupamento como ilustram as diversas iniciativas, atividades e projetos recentemente implementados.

A valorização da aprendizagem expressa-se no reforço verbal dos sucessos individuais, bem como na exposição dos trabalhos dos alunos.

O meio económico onde a escola se insere caracteriza-se pelo predomínio primário (meio carenciado, atendendo aos dados da caracterização).

De facto, o descontentamento tem sido grande, isto porque na avaliação que faço, após um ano de estágio, é que a escola não está, na globalidade, adequada às exigências da sociedade atual. A verdade é que a escola não é vista pelos seus atores como um lugar em que a gestão do tempo e dos conteúdos, objeto de ensino/aprendizagem, é flexível e rica. Rica em conteúdos, em experiências e em partilhas, em eventos, e em trocas de conhecimentos.

Acredito que o ensino deve ser diferenciado e adaptado às necessidades dos alunos, de forma a atender a todos na sala de aula.

Lamentavelmente, “não há como negar que vivemos o tempo das diferenças e que a globalização mais do que uniformizar, tem contestado identidades fixas, essencializadas, que dão estabilidade às instituições e ao mundo social. A mistura, a hibridação, a mestiçagem provocam, e questionam essas fixações, constituindo uma força transgressora que pode mudar o jogo.”(Silva, 2000)

A escola deveria ser um ponto de encontro de partilha, de vivências e experiências, com o intuito de despertar a curiosidade aos alunos, protegida e guiada pelo saber dos adultos a quem estão confiados.

Dada a realidade da comunidade, a escola tem vindo a esforçar-se e a sua estratégia tem sido de ir ao encontro das suas necessidades. Para isso muito tem contribuído o esforço de professores e funcionários que lutam dia a dia para apresentarem uma escola melhor.

A escola é composta por um Pavilhão Gimnodesportivo (Camarário) com duas balizas para a prática do Andebol ou do Futsal e duas tabelas de Basquetebol num pequeno recinto sem as medidas da modalidade. O campo exterior é composto por um campo de Andebol ou Futsal que, ao mesmo tempo, se pode dividir em 3 campos de Basquetebol. À sua volta existe uma pista de atletismo devidamente marcada, mas sem as medidas estipuladas. Assim, é este o espaço disponível para a prática da E.F que tem que ser partilhado por, pelo menos, duas turmas.

No início do ano letivo, e através da coordenadora do departamento, estipulou-se que as turmas dos alunos estagiários teriam sempre a vantagem

de escolher o material e os campos para a prática da disciplina. Relativamente à quantidade de materiais disponíveis para a lecionação dos conteúdos programáticos o professor cooperante referiu que os mesmos são suficientes e encontram-se em bom estado de conservação.

De facto, constata-se que as instalações desportivas para os Jogos Desportivos Coletivos, a Ginástica, o Atletismo, a Patinagem e a Orientação encontram-se em bom estado de conservação.

A modalidade de Patinagem é uma modalidade com grande tradição na escola, talvez derivado da existência de dois clubes na freguesia que treinam no mesmo pavilhão onde se realizam as aulas de E.F.

Por conseguinte, não é por falta de condições ou de material que as aulas de E.F, possam ser limitadas. De facto, todos os materiais existentes permitem um planeamento fácil e uma lecionação eficaz das aulas nas diferentes unidades temáticas (U.T) durante o ano letivo.

Nas imediações da escola ainda existe a piscina camarária. Escola e Junta de Freguesia celebraram um protocolo com vista à sua utilização, sem qualquer encargo para a escola e seus alunos.

De facto os professores estagiários podem considerar-se com sorte dadas as condições de trabalho oferecidas pela escola assim como da camaradagem vivida por todos os professores.

3.1.2. A Turma e a sua Caracterização

Conhecer os alunos foi muito importante, pois só assim faz sentido planear, organizar, coordenar e avaliar. Aliás, todo este processo foi dirigido para eles.

No início do ano letivo, foi aplicado um questionário com o objetivo de perceber quem era a população alvo, a quem se destinavam as aulas de E.F que iria lecionar.

A turma era constituída por dezanove alunos, quinze dos quais, transitaram do ano anterior onde receberam mais três alunos repetentes e ainda um aluno com necessidades educativas especiais (NEEs) profundas.

A turma era composta por 2 alunos com NEEs.

Dos dezanove alunos, oito eram do sexo feminino (42%), e onze do sexo masculino (68%).

No que se refere aos alunos com NEEs, um dos alunos era capaz de cumprir os mesmos objetivos dos seus colegas, assim como ser bem aceite pela turma. Já no que se refere a um outro aluno com NEEs (este entrou nesta turma no ano letivo do estágio), caracterizava-se por ser um aluno que necessitava de estímulos diferentes dos seus colegas, com a agravante de ser um aluno não tão bem aceite pela turma, dada a profundidade da sua deficiência e ainda da sua personalidade.

A turma era constituída por alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, apresentando uma média de idades de 12,52 anos.

Todos os alunos residiam nas diferentes Freguesias do Concelho de Matosinhos, sendo na freguesia de Leça do Balio aquela em que residia a maioria dos alunos da turma (67%). Seguem-se as freguesias de Custóias e Padrão da Légua com 11% dos alunos cada e as freguesias de Matosinhos e S.M Infesta com 6% dos alunos cada.

Apesar de entrarem alunos novos na turma e ainda haver um aluno com necessidades muito específicas, todos os alunos já se conheciam e partilhavam experiências no recreio, na escola e no seu bairro.

O aluno traz para a escola fatores que influenciam o seu desempenho escolar (frequência do jardim de infância, ambiente familiar e a herança genética), bem como um conjunto de disposições pessoais que podem ter um efeito notório nos seus resultados escolares.

Sente-se, muitas vezes, que o ambiente familiar influencia e apoia o desempenho escolar dos alunos. Muitas vezes, não existe a separação entre o espaço casa e o espaço escola. As, não muito boas influências da família acabam por se refletir diretamente no trato para com os colegas alunos e os professores, tornando a aula num recinto educacional com grande importância.

Efetivamente, o meio social em que se insere esta escola é pobre e carente, os alunos descendem de uma classe operária da indústria e de trabalhadores com escassa qualificação, talvez daí revelarem carências ao nível cultural e social.

Revelam-se com problemas sociais graves, em alguns dos elementos desta turma, desde pais falecidos (acontece com três dos alunos), separados, desempregados.

Os problemas pessoais, para além de afetarem diretamente a personalidade do aluno, interferem diretamente na forma como o aluno encara as aulas e a aprendizagem. Problemas de álcool, obesidade mórbida, ausência de um dos pais, ou violência doméstica são alguns dos problemas existentes no seio desta comunidade.

Na verdade o papel dos pais tem um papel preponderante na educação dos alunos e na forma como estes encaram a vida, os desafios, as obrigações e os deveres. É necessário que “[prestem] apoio aos filhos e ajudá-los a desenvolver elevadas expectativas positivas partilhadas e a paixão pela aprendizagem” (Trindade, R., & Cosme, A, 2010).

Certamente existirá uma relação direta e proporcional, à qual, a ausência de um ambiente sadio origina falta de motivação e de condições para que os alunos possam atingir os objetivos que talvez nunca tiveram a oportunidade de sonhar.

De facto são alunos com expectativas muito baixas e com ambições humildes, onde nem sempre o seu maior desejo é acabar a escola e entrar no mercado de trabalho.

Em virtude dos problemas vividos por estas crianças/jovens, estes alunos inicialmente encaravam a aula de E.F como recreio. Tornou-se mais que evidente, que um dos primordiais objetivos seria levar a mensagem de que a aula servia essencialmente para os formar enquanto jovens e futuros homens e mulheres da nossa sociedade. A capacidade de participar em atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade seria uma meta a atingir.

De acordo com Coll et al. (2000) há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que factos e conceitos como, por exemplo, certas estratégias ou habilidades para resolver problemas, seleccionar a informação pertinente numa determinada situação ou utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, ou ainda, saber trabalhar em equipa, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros ou não discriminar as pessoas por motivos de género, idade ou outro tipo de características individuais.

A conclusão da caracterização da turma, feita no início do ano letivo, referia ainda, após a análise e estudo dos dados recolhidos, que é uma turma que se revela homogénea, tendo sido ela já proveniente desta escola desde o ano anterior e com os mesmos elementos.

Maioria dos nossos alunos provinha de famílias, que não se podem dizer carenciadas ou de baixo poder económico, mas talvez, um pouco abaixo da chamada classe média portuguesa. Provinham de uma agregado familiar com pouca escolaridade, com pais inseridos num grupo profissional de baixa valorização e especialização.

Alguns dos alunos sofriam inclusivamente de doenças complicadas, cujos professores não dominavam na sua profissão, mas tentavam alcançar o aluno, de forma a completar a sua formação e chegar às necessidades destes alunos, suprimindo-as.

Tínhamos alunos que nunca praticaram desporto, para além daquele praticado na escola, mas também temos aqueles que praticavam desporto fora da escola, fazendo com que as aulas de E.F tivessem algum dinamismo. Conheciam algumas regras e disciplina do próprio desporto, revelando-se uma mais valia, para as aulas e para o professor.

Conhecendo o aluno individualmente, o professor consegue dirigir o conteúdo da disciplina para a turma, mas também para cada aluno, que tenha necessidades diferentes e distintas dos restantes alunos da turma.

3.2. Análise ao Programa de Educação Física

De forma a sequenciar todo o processo de ensino aprendizagem, decorrente do estágio profissional, será importante realizar uma análise ao programa de E.F do ensino básico.

Por conseguinte, antes da sua realização será importante perceber qual o papel da E.F no sistema educativo e perceber também os objetivos da disciplina.

3.2.1. Objetivos da Disciplina de Educação Física

A par das restantes disciplinas existentes na escola, a E.F, na escola, é um espaço de aprendizagem e portanto de ensino. Os objetivos mais tradicionais são o ensino do jogo, da ginástica, dos desportos coletivos, etc, etc.

“A disciplina na escola é entendida como uma área que trata da cultura corporal e que tem como meta introduzir e integrar o aluno nessa esfera, para propiciar a formação de um cidadão autónomo. Neste contexto o aluno estará sendo capacitado para usufruir de jogos, desporto, danças, lutas, ginásticas e de todo o tipo de atividade para o seu desenvolvimento em busca de bem-estar e crescimento saudável.” (Betti. 1991; Freire, Scaglia, 2003).

Por sua vez Sobral (1980, p. 47) refere que “uma das aproximações ao problema dos objetivos em E.F, é feita a partir da natureza específica das áreas em que se pretende intervir. Assim, podemos considerar objetivos de natureza higiénica e terapêutica, justificados à luz da biologia; objetivos de natureza intelectual, relacionados com o empenhamento das funções mentais na atividade física; objetivos de natureza motora, tende o domínio da ação; objetivos de natureza lúdica e desportiva, decorrentes do instinto lúdico e da expressão social das práticas desportivas; objetivos de natureza social respeitantes à integração do indivíduo em tarefas de grupo particularmente as de índole sócio-recreacional; objetivos de natureza estética, associados à

gestualidade expressiva; objetivos de natureza aplicada, como os que se referem à preparação especial do trabalhador e do militar.”

A E.F possui como expectativa de objetivo escolar o de criar uma reflexão crítica sobre a cultura corporal mas por sua vez desenvolve uma reflexão pedagógica sobre os valores como a solidariedade, cooperação e expressão de movimentos. Nas escolas, realiza-se uma E.F escolar como uma área que trata o corpo com a finalidade de formar um cidadão que vai produzi-la perante a sociedade.

Para Bento (1987, p. 97), a “E.F na escola deduz-se, como tarefa essencial, que ela deve exercer uma influência pedagógica simultânea tanto sobre o desenvolvimento biológico do organismo em crescimento como sobre o processo social de evolução da personalidade. Desenvolvimento sistemático da capacidade de rendimento corporal, em cada fase da ontogénese do indivíduo – eis o *objetivo central da educação física*.”

O mesmo autor mas bem mais recente (2003, p. 74) refere que a “E.F tem como principal objetivo a formação básica-corporal e desportiva dos alunos. E, para que tal seja possível, é fundamental que haja um processo de educação e aprendizagem motora e desportiva onde a responsabilidade do mesmo recai no professor que o conduz e dirige, o que remete para a importância do planeamento da disciplina.”

Na verdade, a disciplina de E.F é uma disciplina com uma certa particularidade, isto porque abrange uma série de “áreas”.

O modelo de Vickers, aprendido nas aulas de Didática Geral do Desporto no 1º ano do Ciclo de Mestrado, divide a disciplina em 4 categorias transdisciplinares: psicossocial – desenvolvimento das emoções, do temperamento e das habilidades sociais - , habilidades motoras– destreza corporal na realização da atividade física -, condição física – aptidão física, por parte do aluno, para a realização da prática desportiva - e cultura desportiva – todo o conhecimento que o aluno adquire para a realização das atividades, de acordo com as regras e normas. Revela-se uma fantástica forma de planear e construir um processo de educação ajustado às necessidades de cada um dos alunos. A E.F não se resume a colocar os alunos em atividades,

desenvolvendo exclusivamente as suas habilidades motoras. Antes porém, permite também uma formação nas áreas sociais e intelectuais, sendo que a atividade física é apenas um meio para se atingir um determinado fim.

Os objetivos da E.F podem também dividir-se em três grandes domínios, que se conjugam, em prol do desenvolvimento integral do aluno: psicomotor (que englobam as categorias de Vickers de habilidades motoras e condição física), sócio-afetivo (o equivalente, naquele modelo, à categoria psicossocial) e cognitivo (o equivalente à cultura desportiva).

Na aplicação destes conceitos à sala de aula, todos eles se interligam. Pretende-se que o aluno adquira todos os conhecimentos transmitidos pelo professor e os saiba aplicar durante as atividades realizadas (domínio cognitivo ou cultura desportiva); pretende-se que o aluno interaja com os seus colegas, de forma saudável, com o temperamento adequado ao ambiente escolar (domínio sócio-afetivo ou psicossocial); e pretende-se que o aluno responda fisicamente com uma destreza natural devido à sua condição física inerente (domínio psicomotor ou habilidades físicas e condição física).

Durante o decorrer do ano letivo, estes domínios foram explorados e adequados para a introdução das matérias no recinto da sala de aula.

No seu computo geral, todos estes domínios, quer sejam pelos 3 ou 4 atrás descritos, foram aplicados da teoria na prática. Os alunos, mesmo que inconscientemente, foram aprendendo a lidar com o próximo e a relacionar-se, a aprender as técnicas, melhorando a sua forma física para conseguir, no final, o objetivo de realização da atividade pretendida.

3.2.2. O Currículo

Começo este capítulo com uma questão. Que currículo devemos ter na disciplina de E.F, para que possamos ter um cidadão crítico e atuante numa realidade em constante mutação?

Segundo Zabala (2002), é necessário uma política decidida de materiais curriculares que assegure a sua qualidade, que os conceba, como um meio

entre outros, e que deposite nos professores a responsabilidade por seu uso criativo”.

Penso que o currículo deveria ser organizado com o intuito de alcançar objetivos gerais atribuídos à E.F como componente curricular, de forma coletiva, democrática e multicultural, não se focando apenas nos desportos mais conhecidos (futebol, basquetebol, voleibol, andebol)

A premissa dos professores passará por conhecer o conteúdo que se ensina, conhecer os alunos e os processos de ensino aprendizagem. Motivar, envolver os alunos, estimulá-los, inspirá-los e ainda, fundamentalmente, comunicar-lhes a paixão pela aprendizagem de novos jogos e modalidades.

Conforme Silva (2005, p. 50) refere, o “currículo é a maneira pela qual as instituições escolares transmitem a cultura de uma sociedade. No currículo entrecruzam-se práticas de significação, de identidade social e de poder. Nele travam-se lutas decisivas por hegemonia, por definição e pelo domínio do processo de significação.”

A formação de um currículo adequado determina um avanço teórico e metodológico da área da E.F.

Para Soares (1992), o currículo significa, caminhada, percurso. Por esta semelhança, currículo escolar representaria a caminhada do homem em busca do conhecimento, que é selecionada na escola. A função social do currículo é ordenar a reflexão pedagógica do aluno de forma a pensar a realidade social, desenvolvendo determinada lógica.

Vivemos numa era, em que o que é hoje uma verdade insofismável amanhã já não o é e, por conseguinte, e mediante esta importante variável, vivemos num mundo plano onde a mudança curricular deve atender às necessidades de uma sociedade cada vez mais contemporânea.

A escola comporta características da realidade social, da comunidade envolvente. Como tal não pode ficar indiferente ao meio e como resultado deve considerar a sua atuação.

Todo o percurso que a escola percorre reflete-se diretamente na sociedade e na vida dos alunos e no desenvolvimento da sua identidade. A

ligação direta entre a escola e todos os intervenientes no seio escolar permitem gravar as atuações no plano curricular da escola ao longo dos anos.

De acordo com as influências educativas e com os objetivos que se pretendem cumprir, a escola acaba por ter a flexibilidade de organizar o seu plano, linhas orientadoras e currículo, de modo a que os professores o tornem uma realidade de sucesso.

De qualquer das formas qualquer sistema global de educação deve reservar para a educação física e o desporto o lugar e a importância necessários ao estabelecimento do equilíbrio e reforço das relações entre as atividades físicas e os outros elementos de educação.

O mais importante a concluir será mesmo a importância de se ter bem claro os conteúdos que vão ser lecionados, no sentido de a disciplina não passar a ser uma repetição da prática sem qualquer significado para o aluno. Assim, os currículos devem possuir conceitos e conceções das diferentes teorias de ensino (nas aulas de Didática Geral aprende-se o conceito de Transdisciplinaridade da disciplina que recorre a outras ciências na construção da sua). Pretende-se também que não seja um documento que só serve para atender a normas institucionais.

3.3. A Formação do “Ser Professor”

Todos os professores são iguais, no entanto, aquilo que fazem e como fazem na sala de aula é, sem margem para dúvidas, a principal característica que os diferencia e que determina a aprendizagem dos seus alunos.

O professor é, sem dúvida, uma influência determinante dos progressos escolares dos alunos. No entanto, esses progressos não derivam de um conjunto de “receitas prontas a cozinhar”, para serem implementadas nas aulas como que formatadas previamente, pois devem ter-se em conta imprevistos, com que o professor se vai confrontar.

Aliás, a formação para ser professor é a aquisição de saberes fundamentais, capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento que

nos fornece a base ao exercício da docência (a formação é contínua ao longo de todos os anos letivos).

Para Damião (1997, p. 33), “dada a complexidade e a imprevisibilidade do ensino, a formação inicial por mais adequada e complexa que seja, nunca conferiria ao futuro professor todas as competências necessárias ao desenvolvimento da docência”.

O aspirante a professor não deverá pensar que a formação iniciada seja fechada e acabada. Deve perceber que é um estado inicial de conhecimentos que se vão adquirindo, contendo instrumentos que promovem uma maior eficiência ao desempenho do professor.

Está provado que a influência do professor é superior a fatores como o ambiente familiar do aluno, a sua origem étnica e nível socioeconómico, a sua motivação e potencial intelectual. Este último aspeto é revelado num estudo desenvolvido por Taylor, (2010) que investigou o efeito da qualidade do professor em gémeos verdadeiros (monozigóticos), os quais possuem o mesmo potencial intelectual. Os resultados mostraram diferenças significativas no rendimento escolar, o que levou os investigadores a concluírem que a qualidade dos docentes revelou-se essencial nas diferenças reconhecidas. Acreditam que os resultados mostram que os bons professores fazem uma grande diferença na aprendizagem dos alunos.

A formação do professor de E.F, é um processo que dura uma vida, envolve influências de diferentes experiências vividas em diferentes contextos, (experiências anteriores de E.F, e nos desportos enquanto praticante). Assim, olhar para a formação inicial como momento único de socialização é certamente um erro. Devemos olhar como um aspeto central entre as várias experiências, valores e crenças que se encontram nas organizações escolares.

Apesar de haver ainda outros fatores a considerar, como as estruturas da escola e as condições de trabalho do professor e alunos, estas são, comparativamente, de pequena influência e têm principalmente efeitos indiretos ou probabilísticos na aprendizagem. Os efeitos dessas estruturas refletem-se nas turmas constituídas, tendo por base as capacidades dos alunos, turmas

com resultados superiores e o tamanho da turma. Os recursos financeiros, têm também uma influência indireta no E-A dos alunos.

O sucesso da aprendizagem é tanto maior quanto maior a abertura à informação por parte dos alunos. Uma turma reduzida, tem tendência a menores distrações, e por conseguinte apreender melhor a informação fornecida pelo professor. Não se quer com isto dizer que o professor altere a sua maneira de lecionar, para conseguir os objetivos propostos, mas antes referir que as condições da turma influenciam a qualidade da passagem da informação. Ponderar acerca dos critérios de sucesso é uma questão de fundamental importância.

Desta forma, tornaram-se essenciais todas as reflexões escritas efetuadas após cada aula. Permitiu questionar sobre algumas crenças e conceções sobre o processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, a essência do bom ensino exige que as expectativas em relação ao estágio e às conceções fossem refletidas e analisadas com o professor cooperante. Dessa análise conclui-se, que tudo o que foi realizado não foi suficiente para cumprir os objetivos propostos para os alunos.

Como refere Pimenta (2002, p.29) “é nesse confronto e num processo coletivo de trocas de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como praticum, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática.”

As melhorias importantes no rendimento de cada aluno podem acontecer, se assumirmos uma atitude de questionamento e reflexão, esmiuçadas nas reuniões semanais que existiam na escola. Efetivamente, as reuniões semanais com o professor cooperante e os colegas estagiários, permitiram investir algum tempo no debate de políticas de ensino onde se encontram as respostas ao “o que é que está a funcionar melhor”, “porque é que está a funcionar melhor”, “quem trabalha”, “o que melhorar”, pois estes debates permitiram levar alguma tolerância aos erros e de abertura a novas experiências.

Pérez Gómez (2001, p.192), refere “uma das chaves fundamentais no desenvolvimento profissional do docente será a formação, a utilização e a

reconstrução permanente do seu pensamento prático reflexivo, como garantia de atuação relativamente autónoma e adequada às exigências de cada situação pedagógica”

Algo que foi fundamental na integração na escola, foi sentir que era um elemento que podia trazer e fazer coisas novas, sentia segurança e proteção fundamentais na minha inclusão na escola e aí o papel do Professor Cooperante Rui Pacheco ser determinante e oportuno. De facto, as experiências vividas ao longo destes anos, foi valorizada e aproveitada pela escola.

O exemplo da Dança na escola e as atividades de Parkour, são pequenos exemplos, mas que certamente foram marcantes, não para muitos dos alunos, mas pelo menos para alguns deles.

Voltando às reuniões, estas permitiam questionar a eficiência das opções pedagógicas, e a necessidade de resolver os problemas com que frequentemente nos deparávamos no quotidiano, recorrendo muitas vezes às experiências dos colegas e inovações pedagógicas (caso do modelo de educação desportiva).

Assim, e à medida que nos integrávamos na escola e percebíamos a sua mecânica, a postura perante a prática foi de maior clareza ao abordar todos os conteúdos.

O grupo de estagiários liderado pelo Professor Cooperante Rui Pacheco teve, nas reuniões semanais, um espaço de socialização de experiências vividas por cada um, uma reflexão a partir de diversos argumentos escolares. Tendo sempre como temática central a prática pedagógica em E. F, escolar, os problemas, as possibilidades e realizações do quotidiano das escolas.

Como sustenta Day (2003, p. 62), “muitos professores ainda trabalham isoladamente, separados dos seus colegas, durante grande parte do tempo. As oportunidades para a melhoria das práticas, através da observação e da crítica, continuam limitadas e, apesar dos esforços de muitos diretores de escola para promover culturas colegiais, estas situam-se quase sempre a nível da planificação ou servem para falar sobre o ensino e não para examinar as próprias práticas.”

“Desde sempre que os professores sabem que têm influência no comportamento dos seus alunos. De facto, ensinar é, por definição, uma tentativa de influenciar a aprendizagem e o comportamento dos alunos” (Lopes, J. S., & Helena. S., p. VII)

Com base nos conhecimentos adquiridos com a formação e experiência diárias, enquanto praticante e professor, tenta-se passar ao aluno tudo o que se aprende, de acordo com o plano programado para o ano letivo. Durante o ano letivo importou transmitir todos os conhecimentos contemplados no programa, mas importa também transmitir variadíssimos conhecimentos (sociais e culturais), de forma a preparar os alunos, para um mundo (profissional) competitivo. São conhecimentos importantes que os ajuda a preparar psicologicamente para a vida quotidiana e para o trabalho, que os ajuda a tornarem-se seres humanos melhores, mais responsáveis, metódicos e organizados, mais comedidos na precipitação e determinados na hora de tomar decisões. É este o papel do professor, aliado à educação escolar e à educação dos pais.

Estar habilitado para a ensino é algo valorizado na dimensão do conhecimento disciplinar da profissão de docente.

Os professores só poderão ser entendidos e vistos como autênticos agentes de ensino, quando a sua formação não se basear apenas em aspetos adquiridos na formação pedagógica e didática, mas também na transmissão de conhecimentos adquiridos enquanto alunos e formandos ao longo da sua vida.

É primordial abrir horizontes, caminhando em busca de um conjunto de saberes e de capacidades capazes de os aplicar em contexto de trabalho.

A formação adquirida na FADEUP foi constituída por seis semestres letivos comuns a todos os alunos, mais dois anos letivos, para a atribuição do grau de mestre em “Ensino da E.F para o Ensino Básico e Secundário”.

Enquanto que os primeiros seis semestres qualificam Licenciados em Ciências do Desporto, os últimos dois anos qualificam para a entrada na docência.

De facto, nestes últimos cinco anos adquiriu-se um conjunto de saberes que nos permite estar qualificados para o ensino. No entanto percebe-se e

entende-se, que esta formação apenas nos qualifica para entrar numa escola e aprender a ensinar, (idéia transmitida pela professora Paula Botelho Gomes nas suas aulas de Didática do Desporto).

3.3.1. Ser Professor

Num tempo em que a alegada crise da educação expressa, também, a crise dos modos de pensar a educação (Correia, 1998) é de esperar, que a reflexão sobre a configuração do estatuto e do papel dos professores não seja uma tarefa isenta de dificuldades.

É imperativo que os professores tenham a noção de que não se deve deixar a prática deteriorar-se, sob o risco de se tornar improdutivo. É neste campo que se estabelece sobre quem recai a responsabilidade pela estimulação das respostas desejadas. As habilidades mais fechadas e complexas exigem uma intervenção maior do professor, na orientação da prática, nas habilidades mais abertas, na maior exigência de responsabilidade do aluno. Exige-se que o aluno tenha mais responsabilidade.

Quando se fala de eficácia nas aulas de E.F, sabe-se que o elemento chave para o conseguirmos é o aluno, que deverá ser um participante ativo numa prática rica e extensa. Cabe então ao professor criar condições para a ocorrência de uma prática deliberada em vários formatos. Para tal, existe a necessidade de envolver o aluno, quer seja num objetivo cognitivo, motor ou psicossocial. Uma das maiores responsabilidades do professor é garantir um ambiente seguro para o processo de E-A.

Embora a segurança deva ser sempre planeada, o mais importante será a sua implementação. Descrever, salientar, perguntar pelas regras aos alunos e incutir-lhes a responsabilidade de as cumprir, são passos essenciais à prevenção de acidentes na aula. Só assim cumpriremos com o objetivo de conseguir que os alunos assumam riscos na participação de certas atividades. Atingir esta meta pressupõe, muitas vezes um trabalho a nível da segurança psicológica, onde as tarefas de progressão mostram ser uma mais valia, ao

diminuírem gradualmente o risco em relação ao objetivo final. No entanto, o comportamento de risco dos alunos deve ser sempre alvo de feedback, por parte do professor, de modo a fazê-los compreender o porquê de certos e determinados comportamentos serem errados.

O professor deve ter em conta a relevância que as atividades têm para os alunos que estão à sua frente, ajudando-os a desenvolverem interesses, dando-lhes a palavra, valorizando o debate, criando consequentemente um ambiente de aprendizagem desafiante. As tarefas devem ser pensadas considerando que os alunos têm diferentes níveis de habilidades, devendo as tarefas ser variadas, fomentando a motivação dos alunos, reforçando os seus sucessos.

O professor, para garantir uma boa comunicação, deve usar uma linguagem facilmente compreensível, mostrando certezas sobre a informação transmitida, averiguando se os alunos compreenderam o que exprimiu. O professor pode ainda recorrer à prática guiada, utilizando um período de tempo em grupo para trabalhar com os alunos os maiores erros cometidos por estes, ensinando de novo, de forma que estes depois consigam fazer a tarefa individualmente. As competências e comportamentos são aprendidos com maior eficácia quando os alunos revelam participação nas atividades e aprendem a trabalhar juntos.

Os professores eficazes devem promover a responsabilidade nos seus alunos, aumentando assim o empenho e motivação nas aulas de E.F. Esta responsabilidade, que os professores devem criar, não deve ser um extra à tarefa, deve sim ser integrada na própria tarefa de instrução, pelo que deve dispendir mais tempo neste aspeto.

Na supervisão ativa, o professor deve orientar o aluno através de feedbacks. No entanto, deve ter cuidado para não se tornar um polícia do aluno, mas dar-lhe o espaço para que este desenvolva o sentido de responsabilidade e autonomia.

O planeamento da organização, gestão e transições entre as diferentes tarefas da aula, é imprescindível para que esta seja ritmada, sem quebras ou tempos de espera, que reduzam o tempo de prática dos alunos.

A parte final da aula tem uma importância que nem sempre é reconhecida pelos professores. Permite aos alunos reverem e compreenderem o que foi aprendido na aula. É uma oportunidade para reconhecer o que correu bem, o que correu menos bem, o que fizeram os alunos para se ajudarem uns aos outros, conhecer os sentimentos dos alunos relativamente à aula e ao seu progresso.

A aula de E.F, distancia-se das restantes na medida em que fornece ao educando uma forma eficaz de transmissão de valores humanos, que vão muito além do que se passa na aula. Esta característica leva à necessidade de distinguir o que é supérfluo e o que é a direção desejada, orientando o aluno na escolha daquilo que é importante para ele, auxiliando-o na passagem do controlo externo, de pais e professores, ao controlo interno. Neste sentido Hellison (2001), apresenta 5 estádios de desenvolvimento para a obtenção de um estilo pessoal de vida satisfatório, em que os primeiros 4 caminham de um comportamento sem auto controlo a um comportamento baseado num maior sentido de responsabilidade e o último estádio centra-se na responsabilidade pelos outros. Os professores devem aspirar a levar os alunos aos estádios superiores, partilhando o poder e o controlo.

No sentido de definir um comportamento, utilizando uma estratégia de reforço positivo, a ação do professor deverá passar, numa fase inicial, pela transmissão clara das expectativas e pela emissão de elogios de forma imediata e frequente, que gradualmente devem passar a ser em menor quantidade e frequência.

Ser professor passa por ajudar os alunos a interiorizar comportamentos apropriados e no desenvolvimento da sua autonomia.

Ao longo do processo E-A, o feedback revela-se um instrumento fundamental na ação do professor. No entanto o professor deve ter segurança nos conhecimentos que possui e ser firme na sua intervenção.

Ainda nas aulas da U.C de Didática Geral do Desporto, o professor de E.F que pretenda fazer frente aos problemas de preconceitos e/ou estereótipos que eventualmente surjam, no seu percurso na docência, deverá assumir comportamentos e atitudes como: sensibilidade, padrões de interação

equitativos, planeamento curricular refletido, monitorização sensível do comportamento dos alunos, estratégias de intervenção que permitam desenvolver comportamentos equitativos, sociais, cidadania e interação entre os alunos. Uma pedagogia equitativa e afetiva em ambientes de ensino diversos requerem mais do que só boas intenções. Necessita que os professores, para além de dominarem o conhecimento das habilidades, da pedagogia de ensino e do conteúdo da matéria, possuam conhecimentos e informações sobre racismo, sexismo, estereótipos, preconceitos institucionais e compreendam a história, as características e as diferenças intergrupais entre raças e grupos étnicos. Estes conhecimentos possibilitarão ao professor fomentar um ensino antipreconceituoso que confrontará assuntos de estereótipo e discriminação, trabalhando com os alunos de forma a ajudá-los a serem mais tolerantes, tornando-os num exemplo desta prática na escola e na sociedade em que vive.

Nas aulas de educação física, os professores devem proporcionar aos alunos a aprendizagem de conteúdos adequados e desafiadores, desenvolvendo e mantendo um ambiente favorável à aprendizagem, de forma a fomentar níveis crescentes de autodisciplina.

São os vários tipos de educação que os torna adultos aptos a tornarem-se outros professores, para novos alunos que pretendam aprender e implementar essa aprendizagem no dia a dia.

Para além dos ensinamentos que os professores possam transmitir aos seus alunos, também eles reconhecem o quanto têm a aprender com cada aluno individualmente e em grupo.

Em cada ano letivo o professor depara-se com novas experiências e vivências que retiram de dificuldades perante a aprendizagem dos alunos; das vivências dos próprios alunos, do enquadramento sociocultural; e do relacionamento existente entre todos os alunos daquela determinada turma.

A forma como o professor leciona faz toda a diferença. Disciplina e criatividade são as melhores chaves e ferramentas contra o insucesso e a monotonia. Muitas vezes, os alunos percebem a grande paixão do professor ao lecionar as suas matérias e a forma como as transmitem. São momentos

que marcam. São momentos que influenciam a forma de aprender e apreender a matéria. Torna a aprendizagem mais simples, fácil e até divertida.

Os alunos facilmente reconhecem a forma como o professor transmite a matéria e notam a forma como o professor se revê nos seus próprios ensinamentos. Faz, desta forma, com que os alunos se desinibam e tornem a aula bastante mais interessante e frutífera.

No decorrer do E.P, pretende-se que o professor estagiário adquira todas as características que visem influenciar o ensino, de uma forma mais ou menos particular, de acordo com a personalidade de cada professor. Os alunos adaptam-se à forma de como a matéria é transmitida e é apreendida tanto melhor quanto maior a capacidade explicativa e informativa e de conexão entre professores e alunos.

3.3.2. A Responsabilidade do Professor

Tudo seria mais fácil se, nas escolas, o papel dos professores pudesse ser circunscrito, apenas ao de transmissor de informações e ao de avaliador da capacidade de aprendizagem dos alunos. Seria, igualmente, muito fácil e sobretudo, mais cómodo que os alunos fossem seres autossuficientes do ponto de vista das aprendizagens a realizar, limitando-se os professores a propor-lhes tarefas que correspondessem às suas necessidades e aos seus interesses. Quer num caso, quer no outro, estamos perante dois tipos de narrativas insensatas de conceber o trabalho do docente. Se, no primeiro caso, a importância dos professores se constrói à custa da menorização dos alunos, quer como intérpretes e produtores de significados, quer como seres capazes de desejar e decidir, no segundo caso, o trabalho dos professores afirma-se, de algum modo, como um trabalho que secundariza o contacto com o património cultural comum para que, deste modo, os alunos se possam revelar.

Assim foi sempre intenção, assumir um papel que se configura como de interlocutor qualificado, isto é, como de alguém que tem condições pessoais e culturais para apoiar de forma ativa e intencional o processo de formação

peçoal e social dos alunos, não fazendo por eles o que só a eles compete fazer, mas não os deixando entregues a si próprios sem rumo e sem apoio. O papel assumido, impunha-se como alguém que estimula, negocea e cria as condições para que os alunos adquiram autonomia intelectual e sócio-moral (condição aprendida nas aulas de Didática Geral no tema da ecologia da aula)

Pretendia-se que estes alunos fossem capazes de utilizar os instrumentos, e as informações das aulas de forma a construir uma sociedade democrática e eticamente responsável.

Alguns parágrafos atrás foi referido que na formação do professor, este aprende a “dar a aula”. De facto, ele prepara-se apenas para ensinar e obter um resultado que lhe satisfaça, mas na realidade o aluno nem sempre aprende o conteúdo.

Segundo Weiss (2008), o “fracasso escolar é causado por uma conjugação de fatores interligados que impedem o bom desempenho do aluno na sala de aula, inclusive a atuação inadequada do educador.”

É da responsabilidade do professor analisar as próprias ações no direcionamento do processo E-A.

O professor necessita de estar constantemente atento e preparado para enfrentar os problemas que surgem no imediato e ter respostas para tudo em todos os assuntos. De facto o professor, nos dias de hoje, necessita de estar munido de informação suficiente para responder de forma rápida e eficaz a todas as questões e problemas que se lhe deparam. Tem de ser capaz de compreender o aluno e estar a tento a todos os detalhes e informações implícitas em comportamentos menos adequados, de forma a salvaguardar a segurança de todos os intervenientes nas atividades escolares.

O professor necessita de estar bem preparado, visto os alunos também estarem cada vez mais exigentes, devendo inovar-se na prática, levando-os a mudar a sua proposta, onde o essencial não é apenas aprender, decorar, correr, lançar, chutar, defender ou marcar. Para tanto, os alunos devem sentir-se estimulados, motivados e mobilizados a participar.

Um professor, para além de todo o processo de E-A, deve também preocupar-se com os valores éticos e morais. Aliás os valores morais devem

estar presentes em todos os momentos dentro e fora da escola construídos nas interações estabelecidas no pavilhão. O professor não deve ter em consideração apenas a vida moral individual, mas também deve estar empenhado e comprometido com a harmonização da convivência coletiva.

Mais uma vez, a reflexão da função enquanto professor, é fundamental pois ela transcende o seu próprio trabalho.

Não sendo um episódio deste ano letivo, merece da minha parte ser aqui referenciado, pois aconteceu comigo e jamais o irei esquecer. É um episódio acontecido na escola E.B 2/3 de Paranhos na altura do estágio do 1º Ano do Mestrado na disciplina de Dança. Após ter lecionado 3 aulas de dança a alunos do 6º ano de escolaridade, a última aula foi uma aula especial em que preparei minuciosamente cada momento, desde o que iria dizer, como dizia, que passos iria transmitir. No final da aula reuni os alunos e fez-se uma despedida, agradecendo aos alunos a sua boa disposição e disponibilidade para aprender. Quando estava a cumprimentar e a despedir-me de alguns desses alunos ouve um aluno (rapaz) que puxou-me a camisola e perguntou-me “tu não vens dar aulas para a escola no próximo ano?” ao que eu respondi que não, e ele retorquiu, “Porquê”, ao que eu lhe tentei explicar que dificilmente teria essa sorte.

A resposta do aluno à minha justificação perdura em mim e em vários momentos da minha vida vou lembrando, pois nunca irei esquecer o que o aluno disse de seguida.

O aluno muito consciente da minha justificação mas pouco satisfeito com a mesma, disse-me com um à vontade próprio de uma criança “as tuas aulas de E.F foram as melhores aulas que eu já tive”.

Naquele momento não sabia muito bem o que sentir ou dizer, apenas agradei o elogio e disse-lhe que se ele gostou de dançar que continuasse e que não desistisse.

De facto estas aulas lecionadas na escola de Paranhos correram muito bem e todos os alunos se empenharam ao máximo. Penso que o relativo sucesso deveu-se a terem aulas com outros professores e com uma U.T que fugia ao comum dos desportos individuais.

O professor, muito mais do que ensinar, deve fazer parte do desenvolvimento dos seus alunos e deve também assumir esta responsabilidade como um ato de coragem. Porque encarar cerca de 30 alunos, todos eles diferentes e com interesses distintos, alguns com mau humor e ainda outros com sede de aprender coisas novas, e de realmente tratar de descobrir na sua formação um futuro, melhor não é simples.

A responsabilidade do professor passa por mostrar que os alunos podem ser muito melhores do que imaginam e que possuem potencial a descobrir. Não sendo uma tarefa fácil é extremamente gratificante quando recebemos feedbacks iguais ao recebido.

O professor deve ajudar os alunos na interiorização dos comportamentos apropriados e no desenvolvimento da autonomia por parte dos alunos. Deve também adotar um plano de gestão a longo prazo que procure desenvolver as capacidades reflexivas dos alunos, como é o caso dos portfólios.

A reflexão, independentemente das aulas correrem bem ou não, deve fazer parte da responsabilidade do professor pois esta prática fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas. O sucesso enquanto educador passa por uma isenta e profunda reflexão de práticas e acontecimentos.

3.3.3. O Papel da Reflexão

O ato de refletir implica um crescimento pessoal único onde cada um pode fazer um raciocínio, interrogando-se sobre as suas práticas diárias.

A prática da reflexão concede a faculdade, aos professores, de facultar a ocasião para o seu crescimento e desenvolvimento enquanto profissional e até mesmo na sua vida pessoal. Pode afirmar-se então, que qualquer pensamento sobre a prática é reflexivo.

Segundo Jonh Dewey (1987, p. 40) “nós refletimos sobre um conjunto de coisas, no sentido em que pensamos sobre elas, mas o pensamento analítico

só tem lugar quando há um problema real a resolver. Ou seja, a capacidade para refletir emerge quando há o reconhecimento de um problema de um dilema e a aceitação da incerteza. O pensamento crítico ou reflexivo tem subjacente uma avaliação contínua de crenças, de princípios e de hipóteses face a um conjunto de dados e de possíveis interpretações desses mesmos dados”.

Donald Schön (1992), foi também um dos autores com maior peso no conhecimento e divulgação do conceito de reflexão, onde propôs o conceito de reflexão-na-ação, definindo-o como o processo mediante o qual os professores, aprendem, a partir de uma análise e interpretação da sua própria atividade. Este autor destaca-se por referir uma característica fulcral no ensino. É uma profissão em que leva necessariamente à formação de um conhecimento específico e ligado à ação, que apenas pode ser obtido transversalmente com a prática, pois deriva de um conhecimento tácito, pessoal e não sistemático.

Esta “nova” ferramenta da profissão do educador oferece maior relevo ao estudo do pensamento prático dos professores como variável que influencia e determina a prática do ensino.

“Possuir ausência de preconceitos, de parcialidade e de qualquer hábito que limite a mente e a impeça de considerar novos problemas assumindo novas ideias, integrando o objetivo ativo de escutar mais do que um lado, de colher os factos independentemente da sua fonte, de prestar atenção sem melindres a todas as alternativas, de reconhecer o erro mesmo relativamente àquilo em que mais acreditamos” (Dewey, 1989, p.43).

Este princípio pretende, de facto escutar e respeitar várias respostas para uma mesma questão, a refletir sobre a forma de melhorar o que já existe.

Conclui-se portanto que a reflexão aparece de modo como se partilha os problemas da prática profissional, à capacidade da pessoa admitir um estado de dúvida estando aberto a novas hipóteses. Pretende-se assim descobrir novos rumos, alicerçando e materializando-se soluções viáveis a novos e constantes problemas.

3.3.4. Portefólio como Instrumento de Planeamento

O portefólio é um instrumento que foi construído de uma forma planeada e organizada, a partir de todos os trabalhos que fossem feitos e produzidos pelo professor a pensar nos alunos. O portefólio foi construído todas as semanas, no sentido de dar vida a um determinado período de tempo, permitindo expor um conjunto de experiências significativas.

Este instrumento de trabalho, foi visto como um instrumento de reflexão pessoal da turma e do seu percurso formativo, não esquecendo que também passava por ser um meio de reflexão e de heteroavaliação.

Assim, o portefólio é uma lista de trabalho, com um conjunto de experiências dentro da escola, onde pretende ser reflexivo, apelando à lógica formativa e compreensiva, dando sentido a um ano letivo.

Este instrumento de trabalho passava por ter um momento de reflexão sobre as experiências de ensino-aprendizagem realizadas, saber identificar que experiências mereciam ser relatadas e como as selecionar.

Desde a avaliação dos alunos à monitorização individual do dia a dia das aulas, tudo foi minuciosamente pensado e construído. Este instrumento permitiu tomar consciência das ações realizadas, dos procedimentos adotados, e dos resultados obtidos.

Como nos revela Idália Sá-Chaves (2005), cinsidera, que o portefólio permite contribuir para se afirmar, no âmbito dos projetos de formação um processo de diálogo sustentado, capaz de respeitar, em primeiro lugar, a personalidade do sujeito em formação, em segundo lugar, a tomada de consciência do processo vivido e dos resultados do mesmo que é, em si uma componente decisiva de um tal processo, e, em terceiro lugar, a solidariedade dos outros que permite que essa personalidade e essa tomada de consciência se afirmem, pelo apoio que estes propiciam e pelo grau de interlocução de que são portadores.

O portefólio, deve ser visto como um meio de aprendizagem reflexivo, capaz de arquivar dados cronologicamente atuais, podendo, mais tarde servir como um meio de ajuda. Perceber qual foi o trabalho realizado com aquela

turma, e compreender a tarefa do professor e a dos seus alunos, na avaliação, na relação ao que foi feito e como foi feito, e até ao que não foi feito e se calhar era oportuno fazer.

Em conclusão, este instrumento não é construído de uma forma arbitrária, na medida em que é balizado pelas finalidades que o determinam, pelos objetivos e conteúdo de uma disciplina, como o processo de negociação que envolve estudantes e o docente.

Os portefólios, reúnem todos os trabalhos do professor permitindo demonstrar, acompanhar e exibir o seu próprio caminho, as reflexões, são o processo de examinação das situações, das experiências, do processo de ensino, ou de sentimentos pessoais.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4. Realização da Prática Profissional

4.1 Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

A organização e gestão do ensino e da aprendizagem reúne a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação. São estratégias reunidas no sentido de maximizar o processo ensino-aprendizagem.

Aprendi nas aulas de Didática Geral do Desporto que o ensino era criado duas vezes, primeiro na conceção e depois na realidade. Na verdade, o professor entra no pavilhão e já fez um trabalho preparatório que ocorreu no momento da planificação. É fundamental planear o ensino, pois só assim se pode antecipar e controlar o mesmo. A formação do primeiro ano do ciclo de Mestrado em Ensino da E.F e Desporto nos Ensinos Básicos e Secundários e também da Licenciatura em Ciências do Desporto em muito contribuíram para perceber os moldes em que o ensino se construía e de que forma esses mesmos conhecimentos adquiridos contribuíram para as planificações realizadas e para o ensino da prática pedagógica das unidades temáticas.

Uma melhor qualidade de ensino pressupõe um nível mais elevado de planeamento e preparação. Este é importante para a apropriação sólida da matéria, para a sua aplicação e exercitação, para a atividade empenhada de todos os alunos e para um ensino eficaz. Naturalmente o ensino real terá mais e maiores facetas do que aquelas que podem ser contempladas no planeamento.

Nas etapas iniciais como a idealização do processo de ensino, onde é pensado e refletido, a avaliação tem de ser mais um fator a ter em conta, já que o seu objetivo irá constar dos objetivos planeados. Para isso existe uma perspetiva pessoal baseada na ligação entre os conhecimentos pedagógicos e as experiências adquiridas desde a conceção ao planeamento e a avaliação. Pressupõe-se então uma relação bidireccional entre planeamento e avaliação.

4.1.1. Conceção

A conceção é a faculdade de conceber, de compreender, de imaginar todo o papel desempenhado pelo professor na escola. Na verdade é a primeira etapa que o professor tem para ultrapassar um extenso caminho. Pretende-se desenhar toda a sua atuação, com base na análise dos planos curriculares e do conhecimento do contexto cultural e social da escola onde se realiza o estágio profissional. Desta forma o seu papel em muito contribui para que os alunos cresçam e se desenvolvam. Se esse crescimento for pautado pela reflexão de conhecimentos, de métodos, de objetivos, de reflexões orientadas por um professor cooperante e um professor orientador de estágio tanto melhor, como comprovam os estudos que solidificam esta tese.

“na U.T de atletismo procurei elaborar uma aula que fosse ao encontro das motivações dos alunos do 7ºA, necessitando para isso de explicar aos alunos quais os objetivos definidos para aquela aula em particular” (Reflexão nº 23 e 24)

4.1.2. Planeamento

Após saber o ano que iria lecionar, comecei por ler e analisar o programa nacional de E.F na vertente do 2º ciclo mais especificamente do 7º ano de escolaridade. Apresentei as dúvidas mais emergentes ao professor Cooperante por forma a ultrapassar algumas barreiras iniciais do desconhecido.

Este documento permitiu ajustar o planeamento às condições oferecidas pela escola, pois as condições externas influenciam a forma de ensinar e a quem ensinar. Este documento foi de fundamental importância visto ser um documento a ser consultado com bastante regularidade.

De facto este guião, também permitiu prevenir sobre eventuais matérias que não estivesse à vontade como foi o caso da patinagem e do andebol, por

forma a que o seu planeamento fosse pensado mais antecipadamente e de uma forma mais meticulosa.

Assim sendo, a primeira análise feita, foi considerar que não só o programa era desatualizado das necessidades dos alunos como era um programa demasiado extenso abrangendo um leque de modalidades que vigora desde o meu tempo de estudante do ensino básico (passados mais de 20 anos).

A minha fundamentação baseia-se no facto de lidar com crianças num meio mais informal de ensino como são os casos dos ginásios e o ensino da dança.

Baseiam-se também pela experiência vivida no passado ano nas escolas Pero Vaz de Caminha e na Escola de E.B 2/3 de Paranhos onde senti dificuldades no ensino das modalidades mais tradicionais pois havia uma maior resistência contracenando com uma maior receptividade por parte dos alunos pelas modalidades como a dança ou algo que envolvesse um desafio maior.

Não pretendo com isto dizer que as modalidades apresentadas no currículo, não sejam importantes e oportunas o seu conhecimento, no entanto considero que não houve uma evolução do ensino do desporto desde o meu tempo na escola Aurélia de Sousa. As modalidades tradicionais continuam a reinar no currículo do ensino da E.F, estando de fora modalidades que as crianças e os jovens sentem falta e tendo uma clara atração e desejo de experimentar.

Nos dias de hoje constata-se uma muito boa polivalência e versatilidade nos professores de E.F, à qual, eu considero que as suas capacidades estão subaproveitadas. Penso mesmo que os professores até agradeceriam um pouco de ousadia na construção dos currículos no sentido de crescerem como profissionais por lecionarem algo diferente e desafiante.

O ensino agradecia, os professores sentiam-se mais motivados e os alunos mais empenhados.

De facto com a quantidade de informação disponibilizada e dos meios existentes para a sua difusão as crianças e jovens ficam sedentos de novas experiências em novas modalidades, que não existem na escola, como por

exemplo a Dança, o Parkour, a Natação e Saltos para a Água (no parque escolar/desportivo da escola situa-se a piscina municipal), a Orientação a Patinagem e o BTT só como alguns dos exemplos.

“Foi colocado mais um desafio à turma, neste sentido os alunos começaram por realizar um aquecimento em que a sua equipa competia com as outras equipas, assim sendo foi criado um percurso parkour, em que os alunos tinham que ultrapassar obstáculos. Passavam por correr, tocar em pinos, saltar ao eixo por cima dos colegas, saltar à corda e ainda saltar na bancada. Todas as equipas gostaram do desafio os vencedores jogaram com os vencedores da outra série e os vencidos entre si. Desta vez não houve alunos que tivessem “amuados” por terem perdido ou acharem que uma equipa tivesse feito batota.” (Reflexão nº 54 e 55)

Voltando ao documento do programa de E.F, sempre esteve presente durante o ano letivo por forma a esboçar os planos anuais, derivando daí as U.T e consequentemente os planos de aula.

Pegando precisamente nos planos de aula, estes foram de difícil construção visto ter de especificar corretamente os objetivos para as áreas transdisciplinares. Na verdade se no plano anual não é muito difícil definir os objetivos primários, quando se chega ao plano de aula o problema é bem maior visto serem objetivos muito específicos e definidos.

Apesar de ser uma dificuldade sentida acreditei que essa dificuldade seria ultrapassada à medida que o planeamento fosse cada vez mais meticoloso e que as reflexões feitas contribuiriam para um processo de crescimento profissional e pessoal. Além do mais a construção das progressões do ensino realizaram-se segundo o modelo 7 – refere que são tarefas de aprendizagem que conduzem os alunos de desempenhos menos sofisticados a desempenhos mais sofisticados e complexos. As tarefas estão relacionadas entre si, no que diz respeito aos elementos críticos comuns. Havendo uma manipulação da complexidade das tarefas. As progressões refletiram o tratamento didático que foi dado conteúdo. Está etapa corre para a

realização de um fim que passava pelo entendimento da evolução do processo E.P e para um amadurecimento dos objetivos, algo que foi manifestamente atingido.

Se no início do ano letivo sentia grandes dificuldades na construção de uma linha de pensamento para o E-A, da E.F, havia a necessidade de pensar e elaborar vários projetos de educação baseados nos conhecimentos obtidos na FADEUP.

Só numa fase mais adiantada percebi quais as reais necessidades dos alunos para assim realizar os planos de aula atendendo às suas dificuldades e aptidões. Ou seja, perceber qual é o produto para encontrar estratégias corretas por forma a obter os resultados definidos previamente.

Senti esse caso em particular quando comecei a ter que pensar em exercícios que pudessem ir ao encontro de um aluno com NEEs, tão especiais como o aluno que tinha. De facto esse aluno fez com que tivesse que planejar cada aula de uma forma mais meticulosa por forma a mantê-lo o mais ativo possível. Na verdade um dos meus grandes objetivos era manter este aluno com uma taxa de comportamento motor apropriado o mais elevado possível e em muitos dos casos esse tempo de ocupação seria apenas de 5 minutos.

“O aluno com NEE esteve presente na aula e foi-lhe lançado o desafio de na patinagem realizar deslizes com curvas nos patins e o passe e receção com remate à baliza, na U.T de futebol. O aluno ainda tomou a iniciativa e ainda saltou à corda com os patins. O aluno esteve motivado e estava integrado na aula e nos objetivos que foram planeados para o mesmo, de facto muito contribuiu o papel do professor cooperante que ajudou nos objetivos propostos para o aluno.” (Reflexão nº 86 e 87)

Na verdade o meu planeamento necessitava de ser bem elaborado e muito bem pensado, sobretudo porque sentia que dentro da turma havia uma grande disparidade de conhecimentos e competências entre os alunos e depois entre os alunos e o aluno com NEEs.

Pensar em algo para um aluno com tais características fez-me crescer enquanto homem e professor e enquanto um ser humano desta comunidade na necessidade de oferecer uma oportunidade de crescimento a estas crianças.

Outro grande desafio foi planejar uma estratégia para que alunos (ditos normais) aceitassem as pessoas portadoras de deficiências e as possam ajudar na integração de grupos sociais na escola e fora dela.

Defendia que os alunos aprendessem de uma forma criteriosa as potencialidades do currículo no seu processo de formação e desenvolvimento, assim como outras aprendizagens.

O planeamento da unidade curricular define um conjunto de objetivos à escala plurianual, que os alunos deverão ser capazes de atingir após o cumprimento do programa.

Planeamentos do género permitem ajudar a definir prioridades, a atribuir maior sentido às aprendizagens. Como atrás referimos, os programas e as orientações curriculares nele contidas, para além de determinar a extensão dos conteúdos estabelecem a sequência em que são apresentados. Os programas pretendem estabelecer habilidades ou níveis de habilidades específicas consoante o ano escolar, isto serve de farol na ação pedagógica do papel do professor e do aluno ajudando-o a visualizar o fim a alcançar. Planejar uma U.T compreende o planeamento de um conjunto de aulas relativas a um determinado tema. O tempo dedicado a cada unidade é uma decisão curricular que depende da idade dos alunos, das suas necessidades e da sua organização à escala plurianual. Fundamental também é que os alunos percebam a sua importância para que se sintam motivados e atribuam significado às suas aprendizagens. Para planejar e iniciar uma U.D é necessário saber qual o nível em que estão os alunos, daí a necessidade de uma avaliação inicial.

“De seguida efetuou-se a avaliação diagnóstica da unidade de basquetebol. Avaliar os conhecimentos dos alunos foi o objetivo central desta parte da aula onde, constatei que a grande maioria não sabe as regras da modalidade jogando pelo jogar. Assim a avaliação inicial permitiu a construção

da unidade baseada em objetivos de aprendizagem das regras da modalidade”
(Reflexão nº 38)

Planejar implica pelo menos pretender que os alunos não estejam parados na fila enquanto o professor define que exercícios vão executar. A boa gestão da aula passa por um planeamento rigoroso.

Segundo Rink, J. (1993) o planeamento em E.F compreende três níveis: o planeamento da U.C (anual ou plurianual), o planeamento de U.T (divide a U.C em grandes temas) e planeamento da aula. Estes planeamentos encontram-se interligados e deve-se começar a planejar do mais geral para o mais específico. Deste modo, os objetivos gerais da U.C devem-se refletir nos objetivos específicos do planeamento da U.T e estes no planeamento de cada aula, de modo a que as vivências práticas de cada aluno se consubstanciem no cumprimento dos objetivos gerais da U.C.

4.1.3. Realização

Enquanto professor de danças urbanas para crianças em ginásios, pensava eu que fosse uma mais valia no contato com os alunos.

Efetivamente o primeiro contato correu bem, mas logo ali percebi que o trabalho seria “Herculano” visto existirem alunos que os seus principais objetivos eram, desestabilizar a aula sendo “engraçados”.

A postura sempre foi séria mostrando que teria que haver um distanciamento entre professor e aluno. A liderança também nunca esteve em causa e sentia que tinha “pulso” para segurar a turma.

Uma das premissas às quais tinha muito cuidado foi a necessidade de manter os alunos sempre ativos e concentrados na tarefa.

Já o reverso da medalha foi a dificuldade em centrar o ensino nos pontos fulcrais do programa e avaliar as reais necessidades dos alunos para assim ensinar o que realmente deveria ser ensinado. Também as questões da gestão da aula foram trabalhosas visto ter a necessidade de pensar em muitas

coisas ao mesmo tempo. No entanto e à medida que ia ganhando experiência, sentia que as aulas corriam cada vez melhor e que a taxa de tempo útil dedicado à prática desportiva ia aumentando. Este resultado representa a preocupação e vontade de cumprir rigorosamente com o planeado.

Por vezes, era difícil estar preparado para coisas que poucos professores estão preparados.

Não esqueço o episódio em que estou com a turma a explicar um exercício de andebol e subitamente toda a turma começa a rir numa grande algazarra, qual não foi o meu espanto que o aluno com NEEs profundas tinha urinado e defecado por ele abaixo. Apesar de não estar preparado para esta situação senti que a geri de uma forma muito lúcida e racional. Acabei a instrução à turma e os alunos continuaram a executar o exercício entretanto solicitei a ajuda de uma funcionária para que tratasse do aluno; ao mesmo tempo o professor cooperante também estava presente pelo que facilmente a situação foi resolvida.

A experiência ganha, permitiu-me libertar-me e passar a ser capaz de decidir no momento a alteração do plano de aula com vista à melhoria do desenvolvimento da aula e à taxa de empenhamento motor dos alunos com sucesso, nos casos em que era manifestamente necessário

Optei algumas das vezes por adequar as tarefas às respostas dos alunos e modificando-as. Pretendia que os alunos assumissem uma responsabilidade para que crescessem e funcionando como uma estrutura de recompensa motivando os alunos na direção das metas da unidade. Ao assumir uma postura de máxima concentração nos exercícios traduzindo-se numa explicação clara das tarefas, nos limites rígidos e no reforço de padrões de comportamento junto dos alunos.

Hoje, passado algum tempo percebo alguns erros que fiz que por manifesta falta de experiência não voltaria a fazer, como é o caso de concentrar-me em vários objetivos e em vários exercícios quando os alunos necessitavam de assimilar e refinar habilidades ainda não completamente solidificadas. Por várias vezes o professor cooperante chamava a atenção para a necessidade de construção de um plano de aula com dois exercícios na parte

fundamental e um terceiro em que seria o jogo, a parte mais lúdica da aula. No início e inocentemente pensava que conseguia instruir vários exercícios à turma sem que esta se sentisse desmotivada.

As primeiras aulas correram como estava à espera, ou seja os alunos a testarem a capacidade de conhecimento do professor, a sua paciência, a sua organização. No entanto tentei sempre manter uma postura forte, embora naqueles momentos mais difíceis passarem-me pela cabeça desistir ou até mesmo pensar se eu seria talhado para esta tarefa ou missão.

De facto concienzializar e chamar à razão crianças e jovens necessita de um “background” infinito. Ou seja o professor deve possuir um repertório de conhecimentos e habilidades de ensino para que se possa responder às exigências das situações de aprendizagem, e à sua variabilidade.

“O aluno Pedro com NEEs (nome Fictício) compareceu na aula. Este, no início apresentou-se a perturbar a aula pelo que tive que usar da minha autoridade e até força para acalmá-lo. Após este episódio este aluno esteve muito sossegado. Os restantes alunos perceberam que o professor estava a esforçar-se no sentido de dar continuidade à aula e assim comportaram-se de forma satisfatória.” (Reflexão nº 65 e 66)

Perceber e gerir os comportamentos dos alunos de modo a diminuir as situações que perturbam o processo de ensino e aprendizagem e aumentar o tempo consagrado às atividades de aprendizagem. A aprendizagem máxima foi atingida quando percebia que conseguia propor atividades que correspondiam ao nível de conhecimento dos alunos e estes saíam da aula com um sentimento de dever cumprido.

No que se refere ao ensino das U.T, às quais não me sentia com um grande à vontade levou a que me esforçasse ainda mais e solicitasse ajuda ao professor cooperante. De facto modalidades como o Andebol no 1º período e o Basquetebol no 2º período foram grandes desafios. Se na primeira não dominava a modalidade na outra sentia-me inseguro dada a necessidade de aplicar o MED.

No que se refere à modalidade de Andebol, penso ter corrido melhor do que aquilo que foi planeado, pois sentia que também não era a modalidade que os alunos gostavam ou tinham aptidão. Revelou-se uma agradável surpresa visto os alunos empenharem-se para ultrapassar as suas dificuldades. De facto considero que por ser uma das modalidades que não domino totalmente, empenhei-me mais do que as outras que domino e talvez por isso tenha sido uma unidade que foi fácil de lecionar.

Já no que se refere ao Basquetebol não correu assim tão bem, isto porque a aplicação do MED em crianças imaturas com falta de responsabilidade talvez não seja o melhor método. Na verdade foi claramente a unidade mais difícil de lecionar dada a pouca disponibilidade motora e cognitiva dos alunos alienada à falta de vontade dos alunos em colaborar.

Desde a criação do nome da equipa, ao seu logótipo, ao seu grito de “guerra”, à construção da página no facebook foi preciso muito paciência e persistência para que os alunos levassem a época desportiva um pouco mais a sério.

Efetivamente os alunos desempenharam muito poucas atividades que engrandecessem o processo de E-A. A sua falta de vontade era notória, com a agravante de nunca terem aceite as equipas que o professor fez. Dentro da turma existiu sempre uma certa rivalidade entre alunos e como consequência muito pouca união e camaradagem entre eles.

Apesar desta dificuldade tentei sempre ter um bom relacionamento com os alunos apesar de em várias ocasiões necessitar de uma intervenção mais vigorosa e ríspida para com alguns alunos e para algumas faltas de respeito para com o professor e para com o aluno com NEEs.

Apercebendo-me de algumas dificuldades iniciais recorri aos ensinamentos da Didática Geral do Desporto e encontrei uma forma de prevenção de alguns comportamentos incorretos. Assim elaborei no início do 2º período uma tabela em que privilegiava os alunos com melhor comportamento, assiduidade e conhecimentos técnicos e táticos das modalidades aprendidas. Cada aluno ficava de fazer a sua autoavaliação no final de cada aula numa

tabela idealizada pelo professor. No final o professor refletia acerca da autoavaliação dos alunos.

Ficou acordado que o melhor aluno (do sexo masculino e do sexo feminino), teria como prémio a presença numa convenção e exibição de danças urbanas constituídas por estudantes com as suas idades. De facto inicialmente todos os alunos se sentiam motivados a cumprir as regras pois havia o estímulo de um prémio no final do período.

Ainda como consequência dessas estratégias, propus algumas estratégias preventivas como por exemplo o controlo das atividades iniciais (por forma a começar a aula sempre de uma forma motivante e estimulante), a pontualidade, o método de registo das presenças, ao sinal do professor os alunos reuniam ou dispersavam, houve ensino por incentivos, comunicar sempre altas mas realistas expectativas, tentei usar feedbacks específicos e haver jogos de competição.

4.1.4. Avaliação

A avaliação em E.F é um meio para perceber se o ensino é eficaz. Neste sentido, a avaliação permitiu fornecer informação aos alunos acerca dos seus progressos e informa o docente do estado atual do aluno, permite avaliar o currículo e informa o professor para este poder dar notas.

Efetivamente é a última etapa que consiste conjugar todo o processo, por forma a oferecer uma melhor qualidade de ensino.

Esta prática permitiu tirar ilações sobre a mesma, para que pudesse orientar e ajustar quando fosse necessário.

Ouve sempre uma avaliação inicial dos alunos às U.T. Os resultados dessas avaliações iniciais nunca foram transmitidas aos alunos, penso que foi um erro visto considerar agora que os alunos devem saber quais os aspetos a melhor e quais aqueles em que dominavam.

Foi objetivo da avaliação fazer uma avaliação do comportamento do aluno tendo como base a comparação entre os alunos da turma e não um

critério ou nível estabelecido pelo docente. Pretendia-se uma avaliação eclética ou seja respeitar os três domínios da aprendizagem.

Assim, as avaliações realizadas no início de cada unidade estabeleceram-se como fundamentais para o planeamento dos conteúdos a abordar em cada modalidade.

Na avaliação sumativa aí já se pretendia uma avaliação em relação ao critério que avaliava os alunos através do cumprimento dos critérios definidos pelos professores.

“De seguida realizou-se a avaliação da condição física segundo os testes de flexibilidade do tronco e de força dos abdominais. Os alunos foram divididos em grupos de 3 e assim cada grupo elegia quem fazia primeiro o exercício e os colegas foram quem fizeram as avaliações quantitativas das flexões e das medidas de flexibilidade. Esta parte da aula correu também muito bem porque penso ter feito bem em dar a liberdade de serem os alunos a fazerem as medidas sempre supervisionadas pela minha pessoa.

Numa outra parte da aula foram entregues aos alunos os testes de avaliação corrigidos e discutidas as soluções de cada uma das perguntas elaboradas no teste. Assim gerou-se um debate entre os alunos, ao qual limitei-me a gerir o tempo e o acompanhamento das questões. Mais uma vez esta parte da aula correu muito bem.” (Reflexão nº 74 e 75)

As notas no final de cada período servem para pais e alunos perceberem como se encontram, e para o professor perceber o sucesso dos alunos. Pretendeu-se classificar os alunos através do seu desempenho (nível do aluno), o progresso (evolução do aluno ao longo do período de aprendizagem), o empenho (aplicação em todas as tarefas) e o comportamento/participação (vestuário adequado, chegar a horas, respeito para com todos, entre outros).

A cada início de atividade tinha o cuidado de estabelecer expectativas e comunicá-las aos alunos. Reconheço que essas expectativas eram uma vez

fáceis para uns alunos mas difíceis para outros, pois a turma em questão era demasiado heterogénea nos seus conhecimentos, mesmo dentro do género.

A avaliação foi considerada fundamental no processo E-A, isto porque permitiu verificar a evolução do aluno ao longo do tempo. Permitiu ainda, constatar as principais dificuldades e ofereceu-me a possibilidade de perceber o que havia de modificar na ação pedagógica, para que esta decorresse no sentido de uma maior eficácia e eficiência no ensino.

4.2. Outras Dificuldades Sentidas Durante o Estágio Profissional

A partir daqui o relatório entra numa fase de maior reflexão e introspeção, onde as reais dificuldades foram sentidas e ultrapassadas com maior ou menor esforço. De salientar, que o núcleo de estágio e as suas reuniões, foram importantes para atingir um grau de reflexão sobre os problemas vividos pessoalmente e pelos problemas vividos pelos colegas. A discussão sadia foi um meio para atingir um grau maior de eficácia no desempenho da docência.

4.2.1. Relações com os Alunos

Antes de mais, gostaria de referir a importância de no pavilhão, todas as experiências vivenciadas pelos alunos terem sido positivas, e facilitarem a aprendizagem, mesmo aquelas que não correram melhor.

As principais tarefas passaram pela gestão e transmissão de conteúdos. A gestão passou pela administração do ambiente para que a aprendizagem fosse o mais funcional possível e o conteúdo fosse a matéria transmitida.

A principal tarefa do aluno foi tão só o cumprimento dos objetivos por parte do professor.

Na relação com os alunos destaco a forma como os papéis estavam bem definidos e foram religiosamente cumpridos, exceção feita a alguns casos de maior rebeldia.

“Havia demasiada algazarra na aula e as coisas não correram como eu tinha planeado. Havia alunas sentadas no chão e assim ficaram a aula toda, onde não consegui demove-las a participar na aula. Foi neste jogo que convidei dois alunos a sentarem-se no banco o resto da aula e assim ficaram até acabar. Estes dois alunos foram não só mal educados como inconvenientes para comigo e para com o bom desenrolar da aula, pelo que não os deixei participar mais na aula.

Infelizmente, e por ter tomado a decisão de estes dois alunos não realizarem a aula não foi por isso que a aula tenha corrido melhor. Os alunos continuavam com “guerrinhas” entre eles ou porque tinha a bola batido na cara de um, porque não passavam a bola, ou porque não deixavam rematar” (Reflexão nº 7 e 8)

A relação foi sempre de grande cumplicidade em que os alunos viam o professor como um mero transmissor de conhecimentos dentro da aula e que fora desta não deixava de ser professor embora pudesse ter um papel menos formal.

Sublinho a excelente relação com o aluno com NEEs profundas, em que o aluno fazia um grande esforço para tentar copiar bons comportamentos e jogar com os seus colegas. Destaco também uma aluna que tinha saudades da mãe e que já não a via há mais de 4 anos e confidenciou-me que o pai não queria que ela estivesse com a mãe.

Penso que estes são bons exemplos como o docente tentou integrar-se dos problemas vividos por esta população e de certa forma ser um elemento de ajuda transmitindo conhecimentos, valores, normas, regras e rotinas.

4.2.2. Relação Professor Aluno e Aluno Professor

O processo ensino-aprendizagem é mediatizado pelas percepções e relações do professor/aluno, alunos/alunos e professor/aluno(s)/turma.

O papel do docente foi diverso e variado, o professor na escola é sempre muito mais do que um professor, é um amigo, um pai, uma mãe, alguém a que o aluno sinta que possa ser um exemplo num futuro próximo.

Foi minha intenção preocupar-me desde a primeira aula com a imagem que poderia transmitir aos alunos, assim sendo a indumentária, a barba feita, o cumprimento de horários eram exemplos presentes logo na primeira aula.

Sabia e estava consciente que as primeiras aulas teriam um grande impacto para o docente e para o aluno, e esperava que os alunos me “batizassem” com um nome qualquer, e de facto isso aconteceu.

Como atrás disse preocupei-me sempre com o que vestia quando ia para a escola e o que calçava, pois sei que somos avaliados constantemente. No final do mês de setembro havia uma aluna que já me tinha batizado como o “professor PINTAS”, dizia ela que o seu professor de E.F tinha pinta ou seja tinha presença e fazia-se destacar dos demais professores de E.F incluindo o grupo de estagiários. A base de sustentação dela baseava-se na forma de estar vestir e ser.

Percebi que facilmente caí nas boas graças desta aluna e de facto a relação com ela foi sempre ímpar, ao ponto de duas vezes durante o ano ter-me chateado com ela e esta nas duas vezes veio pedir-me desculpa reconhecendo o seu erro. Destaco que era uma aluna com profundos problemas sociais mas percebia facilmente a mensagem que eu lhe pretendia dar, fazendo o seu juízo considerando que não tinha sido correta.

Na verdade os professores de E.F, representam a imagem do adulto que muitas crianças idealizam. Além do mais, o Professor, é o adulto mais presente na vida destes jovens, sem contar obviamente com a família.

São diversos os casos em que os alunos pretendem ser um futuro professor de E.F, ou até por vezes ambicionam ser atletas de alta competição por influência e conhecimentos vividos com os professores da disciplina.

Pelo facto dos alunos saberem que eu sou um professor de danças urbanas nos ginásios, duas das alunas pediam constantemente para que passasse alguns passos de dança, havendo mesmo uma aluna que afirmava que queria ser professora de dança.

O professor estabelece uma relação com o estudante diferente dos familiares, é mais distanciada e mais coletiva, exigindo ao estudante uma vivência interpessoal diferenciada, com um comprometimento muito vincado.

O professor do século XXI, deve adaptar-se ao contexto que o rodeia, e de acordo com o mesmo deve alicerçar a sua conduta na escola, espaço onde se desenrolam todas e quaisquer vivências, na transformação da criança em adolescente e este em adulto. Só assim permitirá um estímulo de interesse ao aluno que o orienta para aprender.

Todas as quartas feiras na escola havia um jogo de futebol entre professores e funcionários contra os alunos, este evento era um ponto alto na semana destes jovens pois sabiam que ali no terreno de jogo seriam todos iguais, que as regras eram iguais para os dois lados e que podiam facilmente ser melhores do que a equipa dos professores e funcionários. São exemplos como estes que a escola precisa, um câmbio de experiências desportivas onde as regras estavam bem definidas e onde os alunos e colaboradores da escola partilham vivências.

O ser humano ao longo do seu processo de formação supervisionada encontra no professor o seu principal formador, apenas suplementada pelos pais. Assim será fundamental que os professores compreendam e entendam, que fazem parte integrante da formação destes jovens, futuros homens e mulheres da nossa sociedade.

O tempo passa e os métodos alteram-se, a sociedade está em constante mudança para um futuro cada vez mais incerto, no entanto o professor de hoje deve estar munido de ferramentas para enfrentar as mais diversas situações.

A mudança passa cada vez mais por levar para a escola exemplos de vida marcantes, episódios reais, e experiências próximas do mundo real, sendo o professor a pessoa indicada para essa mudança.

O professor de E.F dada as suas vivências e conhecimentos sendo cada vez mais versáteis devem ter um papel mais assumido na educação das crianças e jovens, oferecendo à comunidade escolar mais do que aquilo que se lhe pede.

Coube a mim implementar um projeto de danças urbanas na escola para todos os alunos, tentei levar a minha experiência e os meus conhecimentos para a população e senti-me grato por poder oferecer algo mais do que aulas de E.F. As aulas de dança tiveram uma grande aceitação na escola e de certa forma o meu papel saiu reforçado dentro da turma que lecionava. Todos os alunos da escola sabiam quem eu era. Muitas vezes estava eu a entrar na escola e sentia olhares fixos para mim, quando não ouvia “olha vai ali o professor que sabe dançar”.

As relações humanas são efetivamente complexas, no entanto na escola não podemos ignorar a importância de tal relacionamento entre professores e alunos.

De facto, vários são os episódios em que o professor deve sentir a necessidade de estabelecer uma distância com os alunos. Fazer perceber aos alunos, que nas relações entre aluno–professor deve haver um respeito mútuo, sem trair a confiança criada existente entre ambos.

Ocorreu algumas vezes e com diferentes alunos o não aceitarem as tarefas atribuídas pelo professor. Estes alunos em algumas ocasiões gostam de mostrar à turma o quanto são engraçados, mas mantive sempre a postura e a tranquilidade pois sabia que não podia dar parte fraca. Mais cedo ou mais tarde eu sabia e o aluno sabia que teria que fazer o que o professor mandava

Assim, a relação professor-aluno não é uma relação unilateral, até porque é uma relação baseada no diálogo, havendo um processo de construção coletiva do conhecimento.

De facto, começando a sentir que sou um professor apaixonado pela profissão e comprometido com a missão. Desenvolvi com os alunos um vínculo muito estreito de amizade e respeito pautado por regras impostas logo no início do ano letivo.

Assim, regras como: saber como tratar o professor, respeitar o professor, saber dirigir-se pedindo autorização, levantando a mão pedindo para falar, falar apenas quando for autorizado para tal, foram apenas algumas regras muito básicas que pretendi estabelecer desde o início do ano.

Exigi sempre aos alunos, respeito com os colegas e com todos os professores com quem se relacionam, fazendo-os perceber que quando falam com um professor necessitam de ser corretos e educados, tendo sempre cuidado com o vocabulário utilizado, levando ao desenvolvimento de uma autodisciplina.

“Dentro de cada jogo fui introduzindo regras e rotinas que penso estarem a ser bem aceites pelos alunos, na prática também constato que os alunos estão mais organizados, motivados e disciplinados. Adotei como princípio que sempre que se ouça algum aluno a dizer asneiras, a aula fica suspensa até o aluno realizar 10 flexões de braços ou 10 abdominais.

Nas últimas aulas tenho sentido um maior controle sobre a turma, ainda não descobri o porquê, no entanto sinto que me tenho esforçado para a cada dia que passe dar sempre uma aula melhor do que a aquela que passou. A verdade é que os alunos se têm portado cada vez melhor.” (Reflexão nº 45 e 46)

Na escola, não se pode pensar em homogeneidade da turma, cada aluno deve ser um caso especial e diferente. Daí que o professor deve realizar uma introspeção, refletindo e pensado, na melhor forma ou estratégia de E-A e no trato individual com cada aluno. Senti várias vezes a necessidade de perceber com quem falava sobretudo porque a turma era demasiado heterogênea.

Cabe ao professor aplicar os seus conhecimentos, usar a sua sensibilidade, intuição, bom senso na orientação da aprendizagem e na direção dos alunos e da turma. Cada professor deve procurar o seu caminho na prática diária da sua sala de aula.

Optar sempre por uma postura transparente, será a postura correta do professor estagiário, pois os alunos percebem as nossas dificuldades e podem aproveitar-se delas em benefício próprio.

Desta forma, foi de fundamental importância optar por uma disciplina educativa absolutamente compatível com a dignidade do aluno, não descurando os seus deveres e responsabilidades.

Muitas das vezes os alunos colocaram-me à prova, tentando desviar a tarefa ou a atenção para algo exterior á aula. Assim, perceber qual a postura dos alunos e adotar uma personalidade mediante a especificidade de cada situação, fez-me certamente crescer enquanto professor e faz com que os alunos percebam o grau de envolvimento do professor com a turma e com ele em particular. O professor, não se deve colocar na posição de detentor da palavra e de todo o saber, uma postura de humildade sempre caiu bem.

Assim a disciplina na aula foi algo que nunca prescindi, as regras e rotinas implementadas desde o início do ano assim funcionaram no interesse de todos e para todos.

Aliás o “novo” professor deverá estar sempre atualizado com o que há de mais moderno, admitir não ter todas as respostas, ser parceiro do aluno e aprender com este e continuar a manter a autoridade, sem ser autoritário.

Ser curioso e despertar nos alunos esse mesmo sentimento, despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando sempre as suas ações e comportamentos nas atividades criadas, é sem margem para dúvidas a melhor opção e postura dentro do pavilhão.

Dada a realidade em que a escola está inserida, a realidade das turmas e da sua caracterização, o professor deve procurar muitas das vezes que durante a aula haja uma atitude de construção da cidadania.

Preparar o aluno de uma forma mais humana, mas sobretudo preparando-o para uma integração plena na sociedade, como cidadão responsável e participante numa vida futura através das aulas de E.F

Várias foram as vezes em que tentei colocar um aluno a trabalhar com o aluno com NEEs, de facto só me lembro de ter sucesso numa única vez, pois infelizmente este aluno não era bem aceite pela turma.

O objetivo das aulas de E.F, passava por proporcionar a construção da identidade e o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos entre si e para com o professor. De facto havendo alunos com NEEs, motivo mais do que suficiente para que haja uma educação democrática sustentada por um corpo de valores e de virtudes aceitáveis de justiça, liberdade, e coragem de aceitar cada um como cada qual.

De certa forma, os alunos com NEEs apresentaram-se como um desafio, a sua integração e o trabalho em grupo foi um motivo para incentivar a participação do aluno (normal), onde distribui funções por cada um dos alunos como forma de integração dos alunos com NEEs.

Lembro o caso de uma aluna não fazer a aula por motivos de falta de material, esta acompanhou o aluno com NEEs durante toda a aula no sentido de este ultrapassar todos os obstáculos no exercício de patinagem, de facto foi uma vitória dado que a aluna nunca se tinha aproximado do aluno e sempre que o aluno se aproximava esta mostrava desprezo e repulsa.

“Nesta aula apareceu o aluno Pedro (aluno com NEEs), optei por deixar o aluno com um par de andas juntamente com o aluno Bruno e Miguel (nomes fictícios) e o que é um facto é que o Bruno e o Miguel conseguiram incentivar e levar a um desempenho motor eficaz que até aqui nunca vi no aluno Pedro. Este aluno com graves problemas motores conseguiu dar alguns passos de andas e mostrou-se feliz pelo feito alcançado. De salientar que no início estava algo reticente em deixar os alunos Bruno e Miguel com este aluno o facto é que estes alunos também pela primeira vez tiveram a sensibilidade de ajudar o aluno com NEEs.” (Reflexão nº 26 e 27)

O professor perante esta realidade deve, levar os alunos a perceber que os alunos com estas necessidades também têm direito a oportunidades de ensino. Como tal, os esforços entre professor e alunos serão fundamentais na integração destes alunos e no crescimento das relações professor aluno e alunos professor.

Perceber, que a relação professor aluno se baseia em pilares como o clima estabelecido pelo professor, da relação empática com os alunos, da capacidade de fazer-se ouvir e de ouvir, de refletir e discutir ao nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o conhecimento dos professores e o deles.

Porém, este entendimento pode barrar em algumas dificuldades de comunicação, dessa forma, o professor deve perceber onde está e com quem fala.

O professor não deve subestimar o meio envolvente em que está inserido pois é hoje sabido que variáveis como a classe social, o poder económico, a etnia, a estrutura familiar e o percurso escolar, rotulam estas crianças e como tal, influenciam as interações professor-aluno.

Uma avaliação inicial procurando um diagnóstico, poderá ser uma atitude de prevenção e de inteligência por parte do professor, num meio que lhe seja completamente desconhecido.

Ao longo do tempo a nossa reflexão tende a diminuir, à medida que vamos ganhando experiência e confiança. No entanto o trabalho realizado nesta fase é fundamental para a nossa execução futura, sempre adaptada à evolução dos tempos.

Esperar determinados comportamentos de determinados alunos, é algo de errado pois subestimamos os alunos, visto que por vezes podemos ser surpreendidos pela positiva mas também pela negativa.

De facto às vezes espera-se um comportamento desadequado de quem menos se espera.

A melhor aluna da turma ganhou o prémio referente à autoavaliação que os alunos faziam da sua participação e comportamento durante a aula. No dia combinado para nos deslocarmos à Exponor a referida aluna não apareceu, não atendeu telemóvel e quando apareceu no início do 3º período recusou-se a falar comigo deixando-me a falar sozinho.

A intervenção do professor estagiário deverá procurar demonstrar que a relação pedagógica deve ser um espaço com várias dimensões e alcances

(onde ensino e aprendo), onde o meio ambiente, de saberes e de afetos permita o desenvolvimento integral de todos os seres humanos.

Trata-se de agir sobre uma relação pedagógica, mediante uma comunicação que vá ao encontro das necessidades dos alunos, afinal de contas estes são os nossos clientes e sem eles estávamos desempregados.

Durante as aulas existiram múltiplas interações entre o professor e os alunos e qualquer comportamento do professor foi com o intuito de fornecer ao aluno (palavra, feedback, ato não verbal, elogio ou instrução).

A relação professor-aluno obedeceu a um princípio de comunicação para a relação em si mesmo, ultrapassada o problema dos papéis e dos estatutos sociais de ambos, sem no entanto esses mesmos papéis estarem lá.

4.2.3. Aplicação do Modelo de Educação Desportiva

Cada professor deve escolher as metodologias segundo as características da turma, o programa a desenvolver, a formação recebida, o trajeto profissional, as características de personalidade, o seu pensar a educação e a sua filosofia de vida.

Siendentop (1987), desenvolveu um modelo de ensino nos jogos designando-o de Modelo de Educação Desportiva (MED). A sua essência baseia-se numa adaptação para a escola do desporto competitivo institucionalizado através, da criação de um época desportiva, criação de equipas, competição formal, registo estatístico, festividade e os eventos culminantes.

A inovação no ensino, derivada dos resultados da investigação, ao contrário do que se passa, por exemplo na medicina, raramente são feitos na prática dos professores. Assim, o MED apresentou-se como uma inovação sustentada e vivida pelos estagiários no primeiro ano do ciclo de mestrado e agora em contexto de trabalho no E.P.

Ouve uma vontade de transformação que se revelou necessária, útil, pedagógica, e viável dado a necessidade de transformar o ensino com base em provas científicas assim como acontece com a medicina.

Este modelo pretendeu contextualizar a conceção “play education” ou seja jogando aprendendo, através da construção de ambientes de prática pedagógica próximos de experiências desportivas autênticas. Assim este modelo comportou três eixos fulcrais: o da competência desportiva, o da literacia desportiva e o do entusiasmo pelo desporto, sendo o seu propósito formar a pessoa desportivamente competente, desportivamente culta e desportivamente entusiasta. (Siedentop, 1987)

De facto, na presente turma havia uma grande heterogeneidade de alunos, e provavelmente nem todos iriam conseguir estar aptos para lidar com cargos importantes e de tão grande responsabilidade como aqueles que este modelo propõe.

Como forma de quebrar rotinas, os professores puderam proporcionar aos alunos a participação em tarefas de evento. As tarefas de evento representaram uma organização desportiva mais contextualizada na realidade, que procura sobretudo estimular o interesse dos alunos envolvendo-os em atividades mais cativantes. Estas atividades permitem aos alunos aplicar os conhecimentos e habilidades a uma tarefa invocando, à reflexão.

Enfatiza o papel socializador do desporto, através de um papel ativo do aluno na organização das tarefas subsidiários ao jogo e no próprio jogo.

Assim, através da seleção de estratégias em comum, entre o professor e a turma, irão desempenhar e assumir diferentes papéis, promovendo a responsabilidade, a autonomia, capacidade de cooperar e de trabalhar em equipa durante a U.T de Basquetebol.

A equipa é o centro das atenções, e para isso escolheram um nome, uma cor, uma mascote, tudo aquilo que possa identificar e unir em torno da equipa.

Para o desenvolvimento das aulas, ouve espaços distintos para o treino e para o jogo de competição.

Através da aplicação do MED os alunos assumiram os seguintes papéis: treinador, capitão, repórter/jornalista, árbitro e jogador. A unidade realizar-se-á no que se chama época desportiva, composta por uma pré-época (que vai preparar) e a época desportiva onde é colocada em prática o exercitado na pré-época.

Assim, e em jeito de conclusão os objetivos específicos do MED passaram sobretudo por:

- Desenvolver as habilidades e a condição física específicas da modalidade;
- Apreciar e ser capaz de executar taticamente um jogo;
- Participar a um nível apropriado à sua habilidade e experiência;
- Trabalhar em grupo para atingir objetivos em comum;
- Partilhar a responsabilidade no planeamento e gestão da experiência desportiva;
- Assumir a liderança responsável no contexto desportivo;
- Trabalhar eficazmente dentro da equipa para atingir objetivos comuns;
- Conhecimento de papéis a desempenhar;
- Apreciar rituais e convenções que dão um significado singular a cada desporto;
- Desenvolver a capacidade de tomar decisões racionais acerca dos problemas desportivos;
- Envolver-se voluntariamente no desporto fora da escola.

(Siedentop, 1993)

Este modelo serviu também para reduzir barreiras no envolvimento no desporto, humanizando, democratizando e socializando.

Assim, as aulas de E.F no 2º período foram divididas em 8 aulas de Badminton, 8 aulas de Ginástica e 20 aulas de Basquetebol.

As aulas de Basquetebol foram lecionadas segundo o MED e assim incutidas, a época desportiva, a afiliação, o clima de festividade, a competição formal e o evento culminante.

O MED, foi lecionado para 18 dos 19 alunos da turma, divididos em, 2 equipas de 5 alunos e 2 equipas de 4 alunos, cada equipa continha alunos do sexo masculino e feminino.

As equipas mantiveram-se fixas durante toda a unidade temática, por forma a criar situações competitivas. Dentro de cada equipa, os alunos tiveram funções distribuídas, tendo a responsabilidade de desempenho de diversas funções, nomeadamente de treinador (líder da equipa), jornalistas, capitão de equipa, etc. Com esta distribuição de tarefas, pretendeu-se que os alunos com menores competências motoras e anteriormente postos de lado nas atividades, tivessem outras formas de integração nas atividades das aulas.

A construção de uma página no facebook foi elaborada por uma das alunas e posteriormente cada um dos resultados era colocado na página com a mensagem de que os alunos deveriam realizar os comentários aos jogos e às aulas.

Um dos alunos com NEEs não participou neste modelo, visto estar a outro nível em relação aos seus colegas. Desta forma foram aplicados outros objetivos e métodos de ensino com esta criança.

“Efetivamente o programa curricular a lecionar ao 7º ano de escolaridade apresenta-se como um programa desenquadrado com as necessidades do aluno assim sendo e pela experiência que fui tendo abordava habilidades que sabia que o aluno podia executar e refinar, assim como comparava a reflexão seguinte, “O aluno Pedro compareceu na aula e o que tinha planeado para esta aula era a introdução do drible em corrida, o aluno mostrou-se cooperante e correu mais uma vez muito bem.” (Reflexão nº 54 e 55)

O MED, não foi um modelo fácil de aplicar visto durante as aulas existirem alunos com graus de desmotivação considerados. Parece-me que umas das razões para tal motivo deveu-se ao nível das competências serem demasiado baixas, o que levou a alguma discriminação por parte de outros alunos, assim como havia alunos com claras motivações de fazerem com que a aula corresse menos bem.

Outros dos fatores considerados fundamentais para que o modelo não corresse da forma como foi planeada foi que os alunos apresentam uma grande imaturidade para desempenhar papéis de algum relevo na aula. Juntando a isso, o facto da U.T a abordar ser conhecida dos alunos com a agravante de que os objetivos de ensino serem semelhantes aos dos anos anteriores, levando ao aborrecimento por parte de alguns alunos e consequente desmotivação.

De forma a combater alguma desmotivação dos alunos foi tentado que o aluno vivenciasse uma experiência desportiva na sua plenitude em ambiente escolar. De facto para muitos dos alunos, a sua única experiência desportiva e competitiva poderá apenas surgir durante as aulas com a implementação deste modelo.

4.3. EDUCAÇÃO FÍSICA, ATITUDES E VALORES

4.3.1 A Indisciplina na aula de Educação Física

A confiança e os laços criados na relação professor aluno, que muitas vezes se espera que seja saudável, é muitas vezes corrompida pelos próprios alunos, na medida em que tentam captar a atenção para si mesmo e diminuir a intervenção do professor, dentro da sala de aula.

Segundo Carita & Fernandes (1997) a “indisciplina na sala de aula estamos antes de mais a falar de alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores”, criando um “efeito devastador,... um efeito negativo no auto conceito e autoestima do professor”.

Já para (Brito, 1986; Mendes, 1995 cit por Gomes, P. 2001, p 151 - 163) “os comportamentos de indisciplina estão quase sempre associados a problemas de gestão e controle da aula, nomeadamente durante os períodos de inatividade.

Hoje e olhando para trás, os episódios mais marcantes de indisciplina foram durante períodos de gestão e de instrução.”

Normalmente são os alunos mais velhos que têm este papel preponderante, no desencaminhamento do curso normal da aula e da turma. No entanto, no caso concreto desta turma do 7º ano, verificou-se que os alunos mais velhos (4 alunos acima dos 13 anos) não são os que mais desestabilizam o ambiente da turma e do desenrolar das aulas.

Percebi desde cedo, que o enquadramento familiar e social do aluno contribui em grande escala para o desempenho deste na escola, na sua turma, perante os seus colegas e principalmente perante o professor. As próprias motivações e aspirações para o seu futuro determinam a sua vontade de frequentar ou não a escola e todo o ambiente que isso representa.

Segundo Mendes (1995) cit por Gomes, P (2001) p. 151 e 152, “os comportamentos inapropriados não decorrem de uma variável única mas de um determinado contexto. Na definição de um modelo global , as variáveis preditoras que concorrem para o aumento da frequência dos comportamentos inapropriados, são: o tempo de gestão e organização, o número de alunos do sexo masculino, o número de alunos repetentes e a idade do professor”.

Um aluno que não esteja motivado, que não encontre respostas no seio escolar às suas expectativas, desenquadra-se e desinteressa-se facilmente em todo o processo e por tudo aquilo que lhe foi reservado durante o ano pelo professor. Ainda Mendes (1995) cit por Gomes, P (2001) p. 152, “os comportamentos inapropriados dos alunos na aula de E.F são dirigidos à atividade em si mesma, seguindo-se os comportamentos dirigidos aos colegas.

Não é este o principal fator ou chave para a resposta à indisciplina na escola e no pavilhão, mas é um motivo forte, onde alguns dos alunos da turma se enquadram.

Por vezes, os problemas de comportamento dos alunos levam a que seja necessária a presença dos pais na escola. Os pais devem estar a par do problema e das medidas que estão a ser tomadas para o superar. É importante que pais e escola atuem em conjunto de modo a eliminar os comportamentos inadequados. Contudo, se estes se mantiverem será necessário recorrer à punição, detenção ou suspensão dos alunos.

É necessário uma ecologia entre as famílias e escola onde ambos assumam as suas competências, obrigações e deveres na construção de uma sociedade justa e equilibrada.

4.3.2. Prevenção e Controlo Disciplinar

Assim no que diz respeito aos problemas de indisciplina, a melhor forma de lidar com esta situação ainda é a prevenção, sendo importante para o professor ter a capacidade de dissuadir os problemas antes que estes cheguem a tornar-se, de facto, um problema.

Sempre que tive um comportamento inapropriado a solução passou por tentar perceber os motivos pelos quais os alunos adotam esse tipo de comportamento e se estes são problemas apenas da nossa aula. Mas o que fui constatando foi que por norma o aluno adota na generalidade este tipo de comportamento como forma de se expor e mostrar-se (sobretudo os rapazes como atrás referi).

Sempre que tinha problemas de indisciplina a atitude a tomar foi mesmo falar com a diretora de turma para que este pudesse chegar à fala com o encarregado de educação.

Uma das formas de prevenção de comportamentos inapropriados passou pela elaboração de rotinas no pavilhão, rotinas de pré-aula, rotinas relacionadas com a aula, e rotinas pós aula.

Assim algumas dessas rotinas passavam pela concentração da turma num determinado lugar dentro do pavilhão, a arrumação do material era feita por todos os alunos e estes só saíam do pavilhão quando o material estava devidamente arrumado, a chamada era feita logo no início da aula e na parte final da aula fazia-se sempre uma referência aos aspetos mais importantes decorridas durante a aula.

Senti pois a necessidade de rotinas bem estruturadas, caracterizadas pelo uso de instrução passo a passo, de forma que quanto mais estruturada for a rotina mais curtos são os passos.

O objetivo foi que os alunos adquirissem a responsabilidade pelo seu próprio comportamento, libertando assim tempo na aula para focalizar a atenção noutros conteúdos.

Segundo Botelho, P (2010), quando o professor está perante alunos disciplinados, é possível envolvê-los na tomada de decisão e no estabelecimento de regras e procedimentos a adotar e, dialogar com eles para resolver os conflitos existentes.

Por outro lado, perante alunos que apresentam comportamentos inadequados deve adotar determinadas estratégias que auxiliem na diminuição desses comportamentos, tais como:

- Estabelecer um sistema de gestão eficaz;
- Ter uma atitude positiva com todos os alunos;
- Envolver os alunos nas regras;
- Apresentar um currículo desafiador;
- Mostrar entusiasmo naquilo que se ensina;
- Entre outros.

Outra das funções de um professor eficaz é ser capaz de resolver pequenas situações antes que estas se tornem grandes problemas. Assim, algumas estratégias devem ser tidas em conta:

- manter contacto visual;
- controlar os alunos de perto;
- elucidar para o comportamento correto.

4.3.3. A Dança como Mediação de Valores

“Dance isn’t something that can be explained in words, it has to be danced, dance to express, not to impress” Eddie Uehara

Referi atrás que hoje muitos dos professores de E.F são polivalentes e versáteis, visto estarem ligados ao ensino e muitos deles terem um hobbie que

normalmente está ligado ao desporto. No meu caso em particular estou ligado às danças urbanas e por conseguinte achei interessante levar esta experiência para a escola.

A dança é uma atividade motora consciente que pretende proporcionar e melhorar o comportamento da criança/jovem, nos aspetos físicos, emocionais, sociais e intelectuais. Estes jovens são despertados para os valores culturais e artísticos, aprendendo a importância do cuidado com o corpo e com a saúde, além das contribuições da formação de um senso crítico e consciente.

Pretendi com este meio desenvolver a expressão corporal e controle da aquisição da percepção tempo e espaço, juntando a alegria, importante veículo nas expressões de sentimentos.

Recordo a melhor aula de dança que lecionei em que eu fazia de “palhaço” e pedia aos alunos que só imitassem o que eu fazia independentemente do que fizesse. As expressões variavam desde a alegria, a tristeza, a euforia, o festejar, o emocionar-se, no fundo eu só lhes pedia que falassem com o corpo tendo a boca fechada.

Recordo o clima da aula como dos melhores entre os alunos, onde todos estavam concentrados a tentar imitar os gestos e as tolices que fazia.

No que se refere aos aspetos físicos a dança permitiu trabalhar as capacidades como a coordenação motora, os aspetos posturais e a flexibilidade.

No final de cada experiência de dança na aula e nas aulas que lecionei durante o ano letivo como forma de enriquecimento curricular, permitiu que a dança oferecesse disciplina, criatividade, a melhora da autoestima.

Constato com grande apreço o facto de quando havia dança os alunos iam com um sorriso na cara, independentemente da figura que faziam, contracenando com a prática de jogos desportivos que quando perdiam saíam da aula tristes, zangados e a discutir.

Na verdade esta disciplina ou modo de praticar desporto tem uma beleza única onde aproxima as pessoas pois é relativamente fácil de se relacionar com os colegas.

Existem experiências que não esqueço tão cedo uma delas é certamente o sorriso das crianças/jovens que faziam a minha aula de dança na escola, são pois estes momentos que nos fazem acreditar que estamos no rumo certo.

Segundo Crepet, P (2004, p. 53) “ o descontentamento nasce sobretudo da sensação de que a escola não está na globalidade adequada às exigências da sociedade civil: ainda não se conseguiu fazer dela um lugar para os jovens, em que a gestão do tempo e dos conteúdos, objetivo de E-A seja mais flexível e rica.”

A dança contribui para a aprendizagem, a reflexão e a formação do cidadão crítico assim como as restantes U.T contidas nos programas de E.F.

4.3.4. O Parkour

Esta modalidade, a par da dança, foi das modalidades que mais fizeram sucesso. De facto quando fazia um aquecimento que envolvia movimentos e gestos “parkour” todos os alunos sem exceção gostavam.

O desafio, o risco, o inesperado, a competição e as rivalidades estavam bem presentes e cada equipa ou aluno queria passar os obstáculos em primeiro lugar.

Sempre que numa aula havia um exercício de parkour, no início da aula seguinte a primeira coisa que os alunos perguntavam é se iam fazer parkour.

Esta modalidade é caracterizada por algum risco e competição onde os alunos se sentiam aliciados pela sua capacidade de improviso na ultrapassagem de etapas.

Assim que me apercebi que esta modalidade era querida pelos alunos resolvi apostar mais vezes nela sobretudo na parte inicial da aula. De facto é que sempre que isso acontecia aconteciam duas coisas fabulosas uma é que o exercício corria sempre bem independentemente de quem ganhasse e em segundo é que o resto da aula corria ainda melhor.

Daqui se percebe que os programas necessitam de uma revisão profunda nos seus conteúdos, não por aquilo que presenciei mas porque é

preciso inovar o ensino e acima de tudo o que se ensina deve estar atual com a sociedade e até com a moda.

Segundo Crepet, P. (2004, pag 53), “muitas escolas não são ainda lugar de vivências, bem estar e interesses dos jovens, não constituem um espaço para expressão deles, para tecerem relações profundas e para com elas aprenderem, para comparar experiências e emoções como um laboratório estável, protegido e guiado pelo saber dos adultos a quem estão confiados.”

É verdade que é uma moda, mas se resulta, se os resultados são mais do que bons porque é que os professores devem fechar os olhos, afinal de contas lá diz o ditado “o proibido é sempre o mais apetecido”.

Até na planificação das aulas era relativamente fácil a escolha dos percursos e materiais a utilizar. Recorrendo a arcos, aos bancos suecos, bolas de qualquer desporto, cordas, escadas do pavilhão, pinos, sacos, etc. Na realidade haja imaginação e podia fazer todos os dias um jogo de parkour sempre diferente que sentia que os alunos o realizavam sem qualquer voz de descontentamento.

Rapazes e raparigas competiam e sentiam que valia a pena correr, caso contrário não corriam, como em algumas das aulas de atletismo os alunos encontravam sempre uma desculpa para não correrem.

4.4. A Inclusão dos Alunos Portadores de Necessidade Educativas Especiais

4.4.1 Alunos com Necessidades Educativas Especiais

O conceito de NEEs, aplica-se, segundo Correia (1993), a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais e, também com dificuldades de aprendizagem derivadas de fatores orgânicos ou ambientais. Abrange crianças e adolescentes com aprendizagens atípicas, isto é, que não conseguem acompanhar o currículo normal, sendo necessário

processar a adaptações curriculares, mais ou menos generalizadas, de acordo com o quadro em que se insere a problemática da criança ou do adolescente. Isto significa que a criança e o adolescente com NEEs têm, como quaisquer outros alunos, direito a um programa de educação público, adequado e gratuito, num meio de aprendizagem, o mais apropriado possível, que responda às suas necessidades educativas e ao seu ritmo e estilos de aprendizagem. Assim, a escola deve estar preparada para dar uma resposta eficaz à problemática do aluno com NEEs, de acordo com as suas características.

Segundo Marchasi e Marti, citados por Correia (1997), os alunos com NEEs são aqueles que apresentam uma problemática de aprendizagem, durante o seu percurso escolar, que exige uma atenção mais específica e uma gama de recursos educativos diferentes daqueles necessários para os seus companheiros da mesma idade.

Efetivamente, havia na turma um aluno com NEEs profundas apresentando grandes dificuldades de aprendizagem específica destacando-se habilidades motoras finas, onde não possui controlo dos pequenos músculos para a execução das tarefas, pois envolvia coordenação entre olhos e mãos e possuía um elevado grau de precisão.

Necessitei de algum tempo para perceber e estabelecer estratégias de desenvolvimento de ações efetivas para o aumento das suas habilidades motoras.

Acontece que não percebia de que forma o aluno aprendia e se sentia motivado a executar determinada habilidade. Cada tarefa era um objetivo para a aula, pois cada habilidade não tinha um início e um fim definidos.

Cedo percebi que as habilidades não podiam ser seguidas por uma ordem. Era mais fácil que as habilidades fossem contínuas e repetitivas e essas mesmas habilidades teriam que ser “grosseiras”, isto é, utiliza grandes grupos musculares na execução da tarefa.

Assim o objetivo de cada tarefa ou habilidade era alcançar um objetivo definido, através da frequência de algo correto e não pelo acaso ou sorte.

Destaco o episódio em que o aluno tinha como objetivo saltar à corda, sendo ele mesmo a dar à corda. Inicialmente, parecia um objetivo demasiado ambicioso, isto porque o aluno não conseguia saltar mais do que 1 ou 2 vezes seguidas sem pisar a corda. No entanto com alguma insistência e persistência, explicando ao aluno a necessidade de apenas dar um salto sempre que a corda passe por baixo de si, este conseguiu dar 11 saltos seguidos sendo o seu máximo.

O aluno em questão apresenta uma grande dificuldade de aprendizagem específica, isto porque e como já referi atrás este aluno apenas consegue realizar habilidades motoras “grosseiras” e mesmo assim algumas destas habilidades ou não as consegue realizar ou recusa-se mesmo a realizá-las.

Não sendo um aluno muito assíduo, depressa percebi que as suas motivações concentram-se em algo que tenha a ver com lutas e bolas. Fui percebendo também, que é um aluno atento a promenores e lembra-se do que se fez na aula anterior. É um aluno inteligente com grande capacidade de memória mas com um défice mental em raciocinar, planear, resolver problemas, abstrair problemas, compreender ideias, não distinguindo o certo do errado e é persistente em atitudes malvadas para quem o rodeia. É um aluno com uma grave dificuldade em fazer amigos e de se adaptar ao ambiente escolar, não consegue aprender com a experiência e não supera obstáculos mediante o pensamento.

É um aluno que não se veste sozinho nem sabe cuidar sozinho da sua higiene pessoal. No entanto, os seus impulsos hormonais revelam-se inapropriados para com as suas colegas, não percebendo que o seu comportamento é inadequado.

Este aluno apresenta dificuldade na expressão oral mas não na auditiva, no que se refere à expressão escrita é um aluno que não consegue juntar as letras e como tal também não escreve nem sabe ler. É um aluno com 16 anos no 7º ano de escolaridade, um aluno que apresenta dificuldades diversas desde, a linguagem, problemas percetivos, défices metacognitivos, problemas socioemocionais, psicomotores e de hiperatividade.

Já o outro aluno com NEEs, é um aluno que não requer qualquer tipo de precaução visto ser um aluno com comportamentos normais apresentando apenas dificuldades na fala.

4.4.2. Área da educação Especial

Segundo Sobral. F (1980, p. 44), a “educação especial é aquela que se ocupa dos indivíduos atingidos por alguma forma de debilidade: sensorial, motora, caracterial ou mental.

Ainda segundo o autor a E.F tem a cumprir as finalidades gerais da educação especial que são designadamente:

- a) Desenvolver as potencialidades físicas e intelectuais das crianças deficientes;
- b) Desenvolver as faculdades de comunicação e facilitar a integração da criança deficiente no meio familiar, escolar e social;
- c) Promover a autonomia do indivíduo dentro das limitações impostas pela deficiência;
- d) Facilitar a aquisição da estabilidade emocional;
- e) Preparar a criança deficiente para uma formação profissional adequada às suas capacidades.

Ainda segundo o autor, uma diferença essencial entre reabilitação e educação especial está, como decorre dos próprios termos, em que na reabilitação, a inferioridade é admitida como temporária e recuperável, pelo menos parcialmente, ao passo que na educação especial a debilidade é entendida como um quadro persistente, dentro do qual é preciso atuar a fim de minorar os seus efeitos.

Existe uma necessidade da turma perceber, que os alunos com NEEs, precisam de alguém que os entenda e entenda a sua diferença aceitando-os, fazendo aceitar a sua diferença perante si e os outros, dando-lhes oportunidades de integração nos grupos.

Os alunos com NEEs, são matéria-prima que o professor dispõe como forma de superar as limitações do paradigma processo-produto, ou seja, há matéria-prima extra de integração do ensino aberto a novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas dos alunos levando-os à autorrealização.

Alunos com dificuldade podem, normalmente, ser integrados, com condições de segurança, não interferindo com o processo de E-A dos restantes alunos. E como vimos atrás, nem sempre o efeito é positivo, nem é fácil de realizar. O professor deve perceber o que é mais importante a ser ensinado e ver se estes alunos têm a capacidade para tal e identificar a discrepância entre o que tem e o que precisa. Definidos os objetivos, deve ver quais as alterações necessárias e qual o impacto que estas provocam nos alunos.

Em suma, ao longo das modificações de instrução, temos de considerar as inabilidades específicas dos alunos, a importância das linhas orientadoras em todo o planeamento e a implementação do mesmo junto destes.

4.4.3. Inclusão na Aula de Alunos com Necessidades Educativas Especiais

A inclusão deve ser uma estratégia social ampla da sociedade, como pré-requisito para que a criança com NEEs possa encontrar o seu desenvolvimento e exercer a sua cidadania.

A participação destes alunos nas aulas de E.F pode verificar-se de duas maneiras, de forma isolada, minimizando um ambiente restritivo, ou integrando normalmente as aulas.

A grande preocupação que tive foi onde se vai realizar a aprendizagem, a forma como vai decorrer e o quê que se vai ensinar a alunos com NEEs profundas.

A turma do 7º ano possui dois alunos com NEEs um deles perfeitamente integrado na turma e na escola já o segundo aluno possui problemas graves de integração, socialização e manejo de atividades motoras finas e grossas. Assim

estes alunos estão cada vez mais a integrarem as aulas de E.F com os restantes alunos, não significa que tenham os mesmos objetivos e métodos de instrução.

Estes dois alunos foram orientados de acordo com as suas necessidades, de forma a potenciar o seu sucesso educativo. Foi meu objetivo promover estratégias de ensino, que permitam adotar aquela que mais se enquadrava com a realidade. As categorias de dificuldade na aprendizagem das habilidades eram, aspetos físicos e de saúde danificados, desafios mentais, desafios comportamentais e múltiplos handicaps.

Com tanto ódio, racismo e injustiça nas nossas sociedades, cabe ao professor ajudar aos alunos a verem a diversidade na sociedade como uma força e não como uma fraqueza.

Na aula de E.F a equidade foi uma questão sempre presente onde tentei potencializar o entendimento, a compreensão o crescimento pessoal e a tolerância para com quem é diferente.

Com o intuito de perceber a dificuldade de relacionamento entre a generalidade dos alunos da turma e os alunos com NEEs abri um tema de debate, para entender o problema. Para Crepet, P (2004, p.58), “o conteúdo do debate é menos importante do que o método. Assim confere-se sentido ao ensino, educa-se para viver” - no entanto aqui o debate será tão importante quanto o método)

Pretendeu-se auxiliar os alunos a verem a diversidade na sociedade como uma força e não como uma fraqueza. Estabelecer a equidade como uma questão moral, potencializa o entendimento, a compreensão, o crescimento pessoal e a tolerância. Eram premissas aprendidas nas aulas de E.F às quais fazia questão de as transmitir. Devemos ensinar os alunos, e o próximo, a respeitar os outros, mostrando-lhes que não é correto ferir ninguém tanto a nível físico como sentimental. Refere Rink (1993) que estabelecer uma relação positiva com o aluno, ensinar atributos sociais e académicos, necessários para a aprendizagem, como por exemplo ouvir e prestar atenção ao professor, trabalhando formas de potencializar a motivação e a autoestima do aluno,

tendo em conta que estes alunos podem não partilhar as nossas experiências de vida e por isso os exemplos que damos podem não ser entendidos,

Reconhecer a igualdade na aula nem sempre quer dizer justiça, isto porque alunos com NEEs necessitam de ser tratados de forma diferente.

Tentei por diversas vezes pedir a um aluno que fizesse de tutor deste aluno e a maioria das vezes o sucesso não foi atingido. Tentei não forçar a interação entre os alunos visto também o aluno não facilitar tal aproximação.

Quando podia, e os meus colegas (estagiários) estavam presentes, dava uma tarefa ao aluno e os meus colegas acabavam por se encarregar da motivação do aluno para que este conseguisse executar a tarefa.

No raciocínio de Rink (1993), deve-se preparar a turma para a chegada de um aluno com características especiais, devendo agrupar em grupos e inserir os alunos com NEEs para que alunos sem NEEs possam ser tutores e responsáveis pela integração daqueles alunos na sala e nas atividades a decorrer. Efetivamente isto foi feito mas quase sem sucesso como atrás referi, dada a profunda deficiência do aluno que raramente o permitiu. Quando o permitia devia-se ao facto de não forçar a interação entre alunos, apenas facilitou-se a interação integrando-os socialmente naquilo que o aluno conseguia realizar.

A conferência Mundial de Educação Especial realizada em Salamanca 1994, “proporcionou uma oportunidade única de colocação da educação especial dentro da estrutura de “educação para todos” firmada em 1990 “...” Ela promoveu uma plataforma que afirma o princípio e a discussão da prática de garantia de inclusão das crianças com NEEs nestas iniciativas e a tomada dos seus lugares de direito numa sociedade de aprendizagem” (p. 15)

4.5 Escola e a Comunidade

Este ponto pretende demonstrar as minhas competências dentro e fora da sala de aula e se seria ou não capaz de influenciar mentalidades. De facto o meu envolvimento com a escola não se limitou a lecionar, cumprindo um programa nacional.

A minha inclusão na escola realizou-se de uma forma gradual e progressiva. Após ter conhecido o Professor Cooperante, este prontificou-se a apresentar-me à escola (Professores e restantes colaboradores) e ainda a toda a área envolvente, à comunidade e as pessoas nela inseridas.

O papel do Professor Cooperante permitiu uma mais rápida adaptação ao meio ambiente, completamente novo. Fui também apresentado ao conselho de turma que me recebeu muito bem, permitindo ainda hoje manter um convívio natural.

Este acolhimento permitiu uma mais fácil integração na escola e, mais importante, um entendimento de como a escola funciona com os seus diferentes atores.

O ambiente escolar foi sempre muito tranquilo e acolhedor, tanto para mim como para todos os restantes professores estagiários.

De facto, a escola possui boas estruturas físicas assim como humanas na construção sadia do saber, oferecendo a todos condições de crescer, bastando, para isso, que as relações humanas sejam mais solidificadas.

4.5.1 Corta-Mato, Mega-Sprint e o Inter-Turmas

A formação do aluno deve passar por todas as experiências oferecidas pelo meio escolar. A sua integração, em eventos que promovam as atividades físicas, são desse o exemplo, pois promove a socialização ao mais alto nível, permitindo o contacto com a competição. A exploração de novas redes sociais, conhecer novos desportos e melhorar as suas capacidades físicas cognitivas e

motoras são também valências deste tipo de evento, e ainda de todos os valores éticos que estão por trás deste tipo de relações.

Estes eventos promovem as atividades físicas, de forma a integrar e socializar os alunos promovendo uma simbiose entre escola e comunidade.

Acredita-se que em alguns dos casos será a única hipótese de competição real que alguns destes alunos vivem. Sem complicar muito, mas ao mesmo tempo aproveitar as mais valias, que a envolvência da escola oferece, em cada período letivo. Fez-se uma prova que pudesse envolver todos os alunos da escola. No primeiro período fez-se o corta-mato, no segundo o Mega-Sprinter (realizado em Santo Tirso), e no terceiro o torneio Inter-Turmas de Futebol.

A escola, situada numa zona tranquila e com uma envolvência rural, facilmente se construiu um trajeto para a realização do corta-mato. Este trajeto foi devidamente pensado nas reuniões do agrupamento dos professores estagiários e envolveu um trajeto em terra batida e em alcatrão. A organização partiu do grupo de professores estagiários que necessitou da colaboração dos Bombeiros, da Polícia de Segurança Pública e de uma autorização da Junta de Freguesia de Lela do Balio, no sentido de cortar a estrada que envolve a escola. Também se mobilizaram um conjunto de patrocínios, no sentido de oferecer um lanche a cada aluno.

A prova realizou-se num dia de sol quente apesar de ter sido em pleno inverno (de certa forma contribuiu para que o evento fosse ainda mais um sucesso). Tudo correu dentro do planeado com uma elevada taxa de participação dos alunos, havendo mesmo alunos que por recearem que chovesse não se inscreveram e no dia da prova foi uma azafama no secretariado no sentido de realizar ainda algumas inscrições.

Cada um dos professores estagiários teve uma função, ficando eu encarregue de organizar cada grupo/escalão e de efetuar o aquecimento, assim como animar os alunos enquanto as provas não começavam.

De facto o sucesso das aulas de dança começaram precisamente neste dia, em que pelo facto de ter atrasado alguns minutos permitiu que a animação extrapolasse o simples aquecimento. Desta forma, como necessitava de

ganhar algum tempo e como havia música, facilmente se colocaram os alunos a dançar e de uma forma descontraída acabava-se o aquecimento dos participantes para a prova.

No que se refere ao Mega-Sprint, este foi realizado em Santo Tirso e permitiu juntar quase todas as escolas da área norte do país, no sentido de oferecer uma competição aos alunos com outras crianças de outras escolas. De facto, foi também um evento que teve a presença do sol o que permitiu que não houvesse desistências.

Para este evento apenas foram selecionados os primeiros três alunos de cada escalão etário, aquando da participação destes, no corta-mato.

O evento foi um sucesso em termos de entretenimento, partilha de conhecimentos e amizades. Os alunos reencontraram colegas e partilharam diferentes emoções. Conforme os alunos encontravam colegas de outras escolas, os professores estagiários encontravam outros professores por si conhecidos.

No terceiro período e final do ano letivo realizou-se o Inter-Turmas de Futebol, no parque de jogos do Leça do Balio.

Foi um evento aberto a toda a comunidade escolar e que permitiu que os alunos competissem entre si numa modalidade com tradição na escola, em que juntou equipas de rapazes e raparigas da escola. Foi um evento bastante participado pela comunidade estudantil, independentemente do sexo, aliás existem algumas alunas que praticam muito bem a modalidade.

A realização dos torneios de Corta-Mato e de Inter-Turmas foram da responsabilidade do núcleo de estágio de E.F, promovendo a participação dos alunos em competição.

Todas as provas proporcionaram momentos únicos de lazer, recreação e competição para os alunos assim como para os professores. Foi um dia diferente e em contacto com a comunidade, sem aquela obrigatoriedade de cumprimentos dos papéis escolares.

4.5.2 Jogo entre Alunos e Professores

A realização deste jogo de futebol acontecia todas as quartas-feiras pela hora do almoço, permitindo uma interação entre professores e alunos. Permitia a realização de um jogo ao qual os alunos sentiam que podiam, a maioria das vezes, ganhar aos professores. No entanto o principal objetivo deste evento era mesmo a promoção de um ambiente positivo favorecendo sempre o E-A e a transmissão de valores, inerentes à prática desportiva.

Como o futebol é uma modalidade de grande atração pelos jovens, o principal objetivo foi facilmente atingido proporcionando um ambiente desportivo saudável onde os alunos saíram quase sempre vitoriosos no resultado no comportamento e nas aprendizagens.

4.5.3 Reuniões de Departamento e de Agrupamento

As reuniões pretendiam estabelecer objetivos, de forma a que os professores de E.F falassem a uma só voz, no sentido de que todos os alunos aprendessem mediante objetivos definidos equitativamente e independentemente de quem seja seu professor de E.F.

Estas reuniões permitiram também interagir e conhecer melhor os restantes professores da disciplina permitindo conhecer as atividades pensadas para cada período letivo.

As U.T eram aqui pensadas e elaboradas no sentido de as programar segundo as realidades físicas e humanas existentes nas escola. Os professores estagiários ajudavam-se no sentido da melhoria e troca de experiências.

Na altura destas reuniões lembro-me de sentir que finalmente pertencia a um grupo de pessoas às quais há muito sonhava. Senti que aquele grupo de pessoas falava a mesma língua que eu e pensava da mesma forma que eu pensava.

Foram, sem margem para dúvidas, as reuniões em que mais gostei de participar, primeiro pela objetividade das reuniões, segundo pelos assuntos abordados, e também pelo tempo que demoravam.

Tratavam-se de reuniões bastante sintéticas onde se falava de tudo, definindo papéis futuros e projetos a curto e médio prazo.

4.6 Relação com a Comunidade e Encarregados de Educação

Esta área foca a relação do professor estagiário com a comunidade escolar (a turma e respetivos encarregados de educação).

Esta variável revela-se importante visto ser fundamental que o professor esteja consciencializado do meio ambiente onde o aluno se insere.

No que se refere à turma, essa conclusão foi retirada do inquérito realizado logo na primeira aula com os alunos, procedendo assim à sua caracterização, como já foi referido.

Quanto ao meio externo à turma fui observando e constatando que a realidade do meio externo não é muito diferente da realidade da turma.

Nesta área, as dificuldades residiram no contacto e resistência dos encarregados de educação para participarem em qualquer um dos eventos escolares e a falta de interesse, vontade e disponibilidade dos mesmos, face ao processo de E-A dos seus educandos.

Para Crepet, P. (2004, p 53) “é necessário renegociar um pacto entre família e escola onde ambos assumam novas competências e obrigações - operou-se na nossa sociedade uma profunda transformação que mexeu com todos os aspetos da nossa vida: é urgente que a família e a escola se ajustem às repercussões que estas transformações comportam”... “ É verdade que a escola se transforma frequentemente numa espécie de cómodo bóde expiatório para os males da nossa sociedade, a ponto de se chegar ao extremo de atribuir aos professores toda a responsabilidade naquilo que se refere à vida dos jovens: basta analisar as variáveis de uma situação complexa, colocando a

escola como uma instituição estrategicamente primária e indispensável para reformar a sociedade.”

Na verdade a escola precisa que toda a sociedade fale a mesma língua, de forma a estabelecer sólidos laços na construção de homens e mulheres de amanhã.

Pretende-se com isto que haja uma ligação direta entre os interesses da escola e os interesses dos encarregados de educação. A educação dos alunos começa no seio da família e complementa-se na escola, com os vizinhos, no comércio, nos transportes... O não controlo, por parte dos pais, da e na disciplina dos filhos é um problema corrente atual. Tem-se muito o sentimento (ou os pais transmitem esse sentimento aos professores) que a escola e os professores são os educandos dos alunos, muito provavelmente devido ao tempo que estes passam na escola. Daí a necessidade daquela ligação de interesses mútuos.

5. Conclusão

Conclusão

Este relatório, inserido no âmbito da realização do E.P, resultou de um ano intenso, cheio de emoções e várias vidas: a vida dos alunos, a vida dos meus colegas de estágio, a vida da escola, englobando os restantes professores e funcionários, e a vida da comunidade e sociedade onde estes alunos e escola estão inseridos.

Percebe-se que há a necessidade de conhecer todos os intervenientes existentes na educação, quer estejam em casa, dentro ou fora da escola. É através deste conhecimento prévio que, face às dificuldades encontradas nos alunos e na forma como estes se relacionam, o professor consegue, encontrar os melhores métodos de ensino, para uma aprendizagem contínua.

O conhecimento teórico transformado em momentos práticos revelou-se de extrema importância, em termos futuros. O trabalho prático permitiu desenvolver áreas, criar destreza de pensamento e agilidade, na gestão de conflitos, muitas vezes existentes.

Revelou-se um trabalho árduo, mas que se tornou muito gratificante, apesar das diversas adversidades. O trabalho realizado com os diferentes alunos, incluindo alunos com NEEs, evidenciou todas as dificuldades existentes na integração das diferenças dos alunos.

Aqui, evidencia-se todo o esforço aplicado, todo o conhecimento fornecido e adquirido, ao longo do ano letivo. São vistos e revistos os vários métodos existentes e consequentemente aplicados na aprendizagem das atividades na sala de aula. São espelhadas as frustrações e alegrias do desenvolvimento e crescimento do conhecimento dos nossos alunos estudantes. São descritas histórias de vida marcantes, que influenciam a forma como o professor se relaciona com os seus alunos e a forma como este se vê e é visto pelos alunos.

Ensinar o respeito mútuo, a camaradagem, a partilha e a ajuda estiveram nas bases do ensino desta disciplina.

Apesar de considerar positiva a participação no E.P, esta experiência foi marcante em inúmeros episódios mostrando-se demasiadamente evidente a frustração de ter uma turma complicada – alunos do 7º ano com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, com interesses muito distintos inseridos numa comunidade debilitada e carenciada. Para um professor estagiário, ver a fraca evolução dos alunos, devido, grandemente, à falta de interesse na aprendizagem e à variadíssima existência de distrações, por motivo nenhum aparente, apesar de saber existir evolução, e todo o trabalho acrescido sem prévia preparação, tornou-se desgastante e de certa forma revoltante. A forma como os professores se dedicam à profissão e todo o interesse revelado na prática da disciplina são muitas vezes postos em causa devido às características da própria turma, escola e comunidade.

Serviu este estágio, para mostrar e revelar a capacidade de lecionar e a capacidade de controlar e cativar os alunos, aplicando todos os métodos aprendidos, sob a orientação e coordenação de professores experientes. Serviu também para explorar a minha própria personalidade e para me auto descobrir. Descobrir que consigo relacionar-me com os alunos e de certa forma marcar as suas vidas com os meus ensinamentos.

“O que era bom era dar sempre aulas como a de hoje! Vir da aula tão feliz que tivesse precisão de gritar ao primeiro desconhecido: - Sabe? Dei hoje a melhor aula, a aula mais linda da minha vida”

6. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Agrupamento de escolas de Leça do Balio. Disponível em <http://agruplecabalio.ath.cx/site/index2.htm>

Bento, J (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física (3ª Ed.)
Lisboa: Livros Horizonte

Bento, J. (1987). Desporto Matéria de Ensino. Ed Caminho

Bento, J. (1989). Para uma Formação Desportiva - Corporal na Escola.
Ed Livros Horizonte, Lisboa

Carita, A.; Fernandes, G. (1997). Indisciplina na sala de aula- Como prevenir? Como remediar? Lisboa: Editorial Presença.

Coll, C. (1996). O construtivismo na sala de aula. São Paula: Àtica

Correia, A., (1998). Para uma Teoria Crítica em Educação. Porto: Porto Editora

Dance to Inspire, Inspire to Dance. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9ALtlwy77RU&feature=related>

Damião, M.H.(1997). De aluno a professor. Coimbra: Livraria Minerva Editora

Day, C. (2003). O desenvolvimento profissional dos professores em tempos de mudança e os desafios para as universidades. Revista de Estudos Curriculares

Dewey, J. (1989). *Theory of Art, Experience & Nature: The Horizons of Feeling*

Dewey, J. (1989). *Como pensamos. Barcelona. Paidós*

Fernandes, S. (2003). Vivências e Percepções do Estágio Pedagógico – A Perspetiva dos Estagiários da Universidade do Minho. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Braga

Freire, J. B., & Scaglia, A. J (2009). Educação como prática corporal. O conceito/olhar da Educação Física sobre suas diversas faces Itajaí. São Paulo Scipione

Galvão, C. (2000). Da formação à prática profissional. *Inovação*, 13 (2-3), 57 – 82

Gama, S. (2004). Diário de Sebastião da Gama. Obras de Sebastião da Gama. Edições Ática. Lisboa

Gómes, A. (2001). Cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artmed

Gomes. P. (2001). Relação entre a frequência e o tipo de comportamentos de indisciplina e o tempo de empenhamento motor na aula de educação física. (pp. 151-161). Universidade do Porto, FCDEF

Hellison, R (2003). Teaching Responsibility Through Physical Activity. Champaign Human Kinetics

Lopes, J., & Silva, H. (2010). O Professor Faz a Diferença. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos. Lisboa: Lidel

Matos, Z. (1993). Competência pedagógica do professor: conceito e componentes fundamentais. *In A ciência do desporto a cultura e o homem* (pp.. 467 – 482).

Matos, Z. (2010). Conferência no XIII Congresso dos países de Língua Portuguesa

Matos, Z., Gomes, P. B., Graça, A. Queirós, P. (1991). A valorização dos problemas em situação de estágio pedagógico: preocupações dos estudantes-estagiários e formadores. *In As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva: atas* (Vol. 1, pp 359-367). Porto

Neira, Marcos G. E Nunes, Mário L.F (2006). Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas. São Paulo

Pérez, G. (2000). A aprendizagem escolar: didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. 4ª Ed. Porto Alegre

Pimenta, G. (2002). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In Pimenta, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 3ª edição.

Rink, J. (1993). Teaching Physical Education for Learning. Times Mirror College Publ. St Louis, 2º Ed.

Chaves, I, S. (2005). Portfolios Reflexivos - Estratégia de Formação e Supervisão. Universidade de Aveiro

Schön, D.S (1992). Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In A. Nóvoa (Coord.), Os Professores e a sua Formação . Lisboa: Publicações D.Quixote.

Siedentop, D. (2000). Developing teaching skills in physical education.

Silva, P. (2010) Documentos da Disciplina de Gestão e Cultura das Organizações Escolares. FADEUP

Silva, T. (2000). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes.

Silva, T. (2005). Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica

Soares, C.L. (2002). Metodologia do ensino de educação física: Cortez

Sobral, F. (1980) Introdução À Educação Física. Horizonte da Cultura Física

Trindade, R., & Cosme, A. (2010). Educar e aprender na escola: Questões, desafios e respostas pedagógicas. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

UNESCO/Ministry Education and Science (1994) Final Reporto on the World conference on Special Needs Education: Access and Quality. Salamanca, Espanha, 7/10 junho 1994

Viana, C (2011). Resultados dos exames do 9º ano são piores dos últimos anos. Jornal Público Consulta 14 julho 2011, disponível em http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/resultados-dos-exames-do9%C2%BA-ano-sao-os-piores-dos-ultimos-anos_1502763

WEISS, Maria Lúcia Lemme Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

Zabala, A (2002). Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artes Médicas